

# **EQUIPAS DE NOSSA SENHORA**

## **TEMA DE ESTUDO**

**SUPRA-REGIÃO DE PORTUGAL**

1ª Edição – Outubro 2003



# O ESPÍRITO DE POBREZA EVANGÉLICA

## PREFÁCIO

Num mundo feito de perturbações, de adiamento das questões, de busca da espiritualidade, uma reflexão sobre a pobreza evangélica pode exprimir toda a sua dimensão. Essa reflexão tem a vantagem de se poder apoiar na modernidade da mensagem do Evangelho.

A questão central é, no fundo, saber o que representa para o cristão a palavra **pobreza** e se ela é, ou não, uma condição indispensável ao seu desenvolvimento espiritual. Ou se, pelo contrário, poderá perguntar--se se uma situação de riqueza pode não o ser.

Certas pessoas pensarão, sem dúvida, que o facto de uma Equipa de Nossa Senhora ousar construir um texto sobre a pobreza evangélica é uma aposta ou um desafio. Sabendo-se, sobretudo, que não se trata de uma equipa de pobres, como são a maior parte das Equipas de Nossa Senhora. Em nome de quê e de quem se pode falar da pobreza, quando não se vive nela? Talvez tenham razão os que se interrogam. Mas devemos admitir que é, em primeiro lugar, um desafio que esta equipa lançou a si própria. Como muita gente, desejamos viver segundo o Espírito do Evangelho. Mas como não ficar apenas por esta louvável intenção? Falta de tempo, dificuldades de a pôr em prática, situações pessoais específicas são, quanto mais não seja, boas razões para não se ir mais longe. É preciso confessar que a reflexão coloca, à primeira vista, questões fundamentais que podem, pela sua amplitude, desalentar as melhores vontades:

- ❑ Somos capazes de fazer um julgamento objectivo e pertinente sobre o espírito de pobreza evangélica assim como sobre a sua importância na nossa vida quotidiana?
- ❑ Como encarar o dinheiro e a riqueza?
- ❑ Em que medida a resposta que damos a estas questões pode e deve levar-nos a modificar o nosso modo de vida?

Do mesmo modo, as reflexões sobre si próprio são, por vezes, revisões dilacerantes que exigem coragem e lucidez.

Estando a nossa equipa a ser interpelada, quis ela própria fazer com que outras equipas disso beneficiassem, prestando-lhes assim um serviço.

Esta reflexão assenta em duas convicções:

- ❑ O primeiro dever dum cristão, onde quer que esteja, é, com o que recebeu, dar o seu melhor ao Serviço de Deus e dos outros. O inci-

tamento a esquecer-se de si próprio e o cuidado constante de fazer frutificar os seus talentos, assim como os dos outros, devem guiar permanentemente o comportamento individual e colectivo. Cada homem é uma história única que merece respeito e consideração.

- ❑ Um cristão não pode ignorar as realidades do mundo em que vive sob pena de ingenuidade ou de imperícia. O concreto tem isto de bom, pois incita à humildade. Desta maneira significa escuta do circundante, discernimento dos bons e dos maus profetas, perseverança no esforço. O valor do testemunho tem lugar de eleição nesta percepção do mundo.

O tema está repartido por sete capítulos que têm o mérito de abarcar senão integralmente as questões levantadas para uma reflexão sobre a pobreza evangélica, pelo menos relembrar questões que nos pareceram essenciais para aprofundar os aspectos principais. Foi elaborado para que cada um possa encontrar um quadro de reflexões operativas e simples para a vida de todos os dias.

Cada capítulo é apresentado de forma idêntica, de modo a que a reflexão seja feita por etapas:

- ❑ No início, um ou vários textos de meditação, que servirão também para a oração da reunião.
- ❑ Tema de estudo, que apresenta a problemática numa forma sintética.
- ❑ Pistas de reflexão para trabalho individual, em casal e em equipa, com uma última questão apresentada sob a forma de proposta para uma regra de vida.

Equipa Paris 183

Conselheiro Espiritual: Padre Bernard Olivier, o.p.

Ao ter-se conhecimento da publicação deste interessante e específico tema "O Espírito de Pobreza Evangélica" pela Supra-região de França, em 2002, desenvolvemos todos os esforços no sentido de o conseguir...

Depois de traduzido e adaptado o seu conteúdo para oito reuniões de equipa, está assim à disposição de todas as equipas que o queiram tratar como tema de estudo e também dos casais que desejem reflectir sobre uma temática tão pertinente e importante nos nossos dias.

A equipa Supra-regional  
Outubro 2003

## INTRODUÇÃO

A pobreza, dizem as Escrituras, é um mal, todavia *“Será mais difícil a um rico entrar no Reino dos Céus do que a um camelo passar pelo fundo de uma agulha”*.

Admirável Palavra, que proclama felizes os pobres, gritando o escândalo da pobreza, que lança a suspeição sobre a riqueza, embora admitindo que possa ser a recompensa da virtude, que convida os cristãos a fazer frutificar o que receberam, lembrando-lhes, essencialmente, que *“não podem servir, ao mesmo tempo, a dois senhores – a Deus e ao dinheiro”*.

Não há nada mais esclarecedor que a história das relações da Igreja e dos cristãos com a pobreza. Que há de comum, por exemplo, entre a condenação das leis sobre os pobres feita por economistas como Malthus, na Grã-Bretanha do séc. XVI, e o desenvolvimento da Teologia da Libertação, na América Latina, nos anos 80? À primeira vista não há grande coisa em comum a não ser a sinceridade dos homens de fé: para uns o crescimento da riqueza é a única saída; para os outros é um beco sem saída por causa das desigualdades intoleráveis que provoca.

A utilização da mesma palavra dos Textos Santos para duas coisas bem diferentes – a pobreza real ou material e a pobreza do coração ou pobreza espiritual – também contribui para clarificar o debate. O despojamento, a humildade, a abnegação são as palavras que melhor caracterizam a pobreza no Evangelho.

Que sentido pode ter no nosso mundo, hoje, uma reflexão sobre a pobreza evangélica? A amplitude dos desafios de toda a ordem com os quais se é confrontado e a força da mensagem que deles emanam dão-nos a resposta. O mundo actual é marcado por três fenómenos simultâneos tão estreitamente ligados, como complexos: a mundialização das mudanças, a revolução das técnicas de comunicação e a supremacia do liberalismo económico.

As mutações extraordinárias que se desencadeiam e a capacidade de adaptação que elas exigem são tais que o mundo que nós conhecemos se desmorona sob os nossos olhos sem que ninguém possa controlar a evolução, nem esboçar os contornos que tomará no futuro. Ao entusiasmo dos seus adeptos responde a inquietude e o cepticismo que vêem nisso a fragilidade. É assim que o triunfo aparente da modernidade veiculada pelos valores ocidentais e o culto do progresso se confrontam com fortes resis-

tências, na proporção dos seus insucessos, em nome das identidades culturais ou religiosas locais, que hoje se afirmam mais do que nunca.

Enquanto que alguns relembram que se tem esquecido de colocar o homem no centro do desenvolvimento económico e que as desigualdades, a fome, a violência ou as guerras tribais subsistem, a maior parte da humanidade, entre os quais, os jovens, apela a um mundo com mais sentido e a um progresso mais humanizado.

Enquanto que a nossa história testemunha uma crescente complexidade, a busca de uma forte unidade de vida torna-se uma exigência muito forte e ao mesmo tempo uma "mercadoria" rara. Uma reflexão sobre a pobreza pode revelar-se uma ajuda preciosa pelas questões que pode colocar e pelas escolhas com que nos podemos confrontar.

O espectro desta reflexão tem efeitos muito abrangentes, pois abarca questões relativas à nossa vida quotidiana e também às escolhas da sociedade, desde aspectos de ordem económica, a aspectos de ordem espiritual. Ela toca o centro de cada indivíduo livre e responsável, membro inteiro da comunidade dos homens. Esta comunidade tem o direito de esperar que cada um participe, onde quer que esteja, no enriquecimento do mundo e na obra da Criação, à qual o Senhor o chama e lhe oferece a possibilidade dessa participação como contrapartida. O ordenamento dos capítulos responde à vontade de facilitar o encaminhamento das Equipas graças a uma caminhada progressiva cujas etapas devem permitir abordar as questões seguintes:

### **Que dizem as Escrituras? (Capítulo I)**

Uma reflexão dum cristão sobre a pobreza pressupõe, desde logo, que conhece os textos em referência – Antigo e Novo Testamento. Eles falam muito da pobreza e fazem dela uma apresentação evolutiva no decurso do tempo. Pobreza – punição, pobreza – bênção, sucedem-se dando uma imagem de duas faces.

A ilustração da pobreza através de representações artísticas, ao longo dos tempos, mostra que os próprios artistas não estão ausentes desta busca do significado dado à pobreza.

### **A Pobreza à nossa volta: Entre nós, quem são os pobres, e onde estão? (Capítulo II)**

À imagem de Cristo, um cristão tem o dever de olhar à sua volta e observar o mundo. Aparentemente simples – um pobre é aquele que nada

possui – esta definição reconhece-se imediatamente insuficiente. Com efeito, é preciso saber de que se pode ser pobre e de que pobreza se fala. Os pobres não estão sempre onde se pensa, nem são sempre quem se julga.

Face à pobreza, o dever de um cristão é o de reagir, perguntando-se como fazer para que as coisas mudem realmente.

### **Como compreender as duas faces da pobreza: a pobreza material e a pobreza espiritual? (Capítulo III)**

A pobreza material e a pobreza do coração cruzam-se sem se encontrarem verdadeiramente. O seu significado profundo, a natureza dos seus laços e o que eles implicam são questões que nos interpelam sobre a nossa atitude na vida de todos os dias.

«*Vem, sou Eu*» – diz Jesus ao jovem rico. Este chamamento dirigido a cada um de nós resume apenas a problemática levantada pelas duas imagens da pobreza e da escolha com que cada um de nós é confrontado.

### **Significado do espírito de pobreza evangélica? (Capítulo IV)**

O ponto fulcral do tema é tentar mostrar o que está oculto na noção de pobreza para um cristão e reflectir nas disposições espirituais e comportamentos de vida a que ela conduz. Mais que o dinheiro, que não é senão uma faceta, esta pobreza evangélica é a dos mansos e humildes de coração dos quais Jesus fala. Definida por comodidade (as tentações do espírito com as quais somos confrontados e que devemos repelir), o espírito de pobreza evangélica provoca um desafio quotidiano de renovação das normas de vida.

### **O direito de propriedade e o uso de bens são compatíveis com a pobreza evangélica? (Capítulo V)**

Deus é o Senhor de tudo. Este elemento base da Fé Cristã é claro. Que pode significar, nestas condições, o direito de possuir e porque reconhecer ao homem este direito? É um direito sem limites que cria deveres?

As Escrituras esclarecem-nos sobre estas questões, fazendo do homem gestor das riquezas que lhe são confiadas. Que lição tirar?

## **O Espírito de Pobreza pode conviver com o supérfluo?** (Capítulo VI)

“*O supérfluo, coisa tão necessária!*”, dito espirituoso de Voltaire, não é tão incongruente como parece... Primeiro, porque põe o acento na dificuldade de traçar uma fronteira entre as duas noções; segundo, porque a resposta variará em função de cada um. O necessário e o supérfluo de cada pessoa serão diferentes. Ter um olhar lúcido sobre o modo de vida e sobre os hábitos, fazer o esforço para distinguir o que é necessário à vida e o que é menos ou nada necessário, não são coisas fáceis, sobretudo se isso vier a desembocar nas renúncias em causa.

Somos prisioneiros das contingências materiais ao ponto de tirar daí as consequências?

## **Que ligação pode fazer-se entre o Espírito de pobreza evangélica e o desenvolvimento do mundo?** (Capítulo VII)

Muito se tem dito relativamente ao Espírito de pobreza evangélica e sobre as exigências que ele impõe:

- Dever de justiça e caridade
- Apelo ao desenvolvimento dos talentos
- Discernimento na utilização dos bens deste mundo.

Mas uma questão central permanece no termo desta reflexão: como tirar partido desta mensagem e em que é que ela pode constituir uma chave privilegiada para compreender o mundo e o transformar?



**A POBREZA SEGUNDO AS ESCRITURAS**

**A – TEXTO DE MEDITAÇÃO (Magnificat)**

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

A minha alma glorifica o Senhor  
e o meu espírito se alegra em Deus meu salvador.  
Porque pôs os olhos na humildade da Sua serva,  
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada  
todas as gerações.  
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas,  
Santo é o Seu nome.  
A Sua misericórdia se estende, de geração em geração,  
sobre aqueles que O temem.  
Manifestou o poder do Seu braço  
e dispersou os soberbos.  
Derrubou os poderosos de Seus tronos  
e exaltou os humildes.  
Aos famintos encheu de bens  
e aos ricos despediu de mãos vazias.  
Acolheu a Israel Seu servo,  
lembrado da Sua misericórdia,  
como tinha prometido a nossos pais,  
a Abraão e à Sua descendência para sempre.  
Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,  
como era no princípio, agora e sempre.  
Ámen.

## **B – TEMA DE ESTUDO**

### **I. O Antigo Testamento**

1. A pobreza como realidade sociológica
2. O pobre comparado a um pecador
3. A "*Aurea Mediocritas*" ou nem indigência, nem opulência
4. Qual é o espírito destes "*anawim*"?

### **II. O Messias dos Pobres**

1. Os cânticos do Servo em Isaías
2. O Salmo 22
3. O Magnificat

### **III. A pobreza segundo o Evangelho**

1. A pobreza material
  - a. "*Haverá sempre pobres entre nós*" (Mt. 26,11)
  - b. Jesus não condena a riqueza enquanto tal ...
  - c. ... mesmo que ela possa constituir um perigo
2. A pobreza como ideal evangélico

A imagem da pobreza evoluiu no tempo. À pobreza banida do Antigo Testamento sucede o ideal evangélico de pobreza do Novo Testamento. Uma coisa é clara: a pobreza sofrida nunca é admitida. Só uma pobreza escolhida pode ajudar o homem a encontrar o caminho da Salvação.

## I. O Antigo Testamento <sup>(1)</sup>

A pobreza tem um lugar de relevo no Antigo Testamento. É um fenômeno social que "*chocou o pensamento de Israel*". Aí podem encontrar-se três correntes de pensamentos, bastante diferentes e até, por vezes, contraditórias.

### **1. A pobreza como realidade sociológica**

A pobreza é como um estado escandaloso que não deveria, de modo algum, existir em Israel. O ideal primitivo do povo de Deus fundado por Moisés era o de uma comunidade onde tudo estaria ao serviço de todos numa perfeita e fraterna igualdade. O princípio reconhecido era: não haverá pobres entre nós. Mas as coisas, na prática, não são assim tão fáceis. Quando o povo mais ou menos nómada, até ao momento, se instala em Canaã partilham-se as terras... mas depressa as desigualdades nascem. Diz o provérbio: "*Quem tem terra, tem guerra*". Chega-se, assim, a uma situação de escândalo. Dum lado, os poderosos que possuem quase tudo e exploram os outros; do outro lado, aqueles que nada têm e são explorados.

Os profetas invectivam contra a tirania e a injustiça das classes poderosas; denunciam a opressão dos pobres e todas as formas de exploração, como por exemplo:

#### **O comércio fraudulento**

Oseias 12,8-9: «Canaã é mercador de peso falso e amigo da fraude.

Efraim disse: "*Sim, eu enriqueci, adquirir fortuna*", mas todos os seus ganhos não bastarão para compensar os pecados que ele cometeu.»

Amós 8,5-6: «Vós que dizeis: "*Quando passará a lua nova para que possamos vender o nosso trigo, e o sábado, para podermos abrir os nossos celeiros, diminuindo a medida, aumentando o ciclo (o preço a pagar) e falseando a balança para defraudar? Compraremos o pobre por dinheiro e o indigente por um par de sandálias; venderemos até a alimpadura do nosso trigo.*"»

(1) Nota de Rodapé: Este capítulo segue de perto o excelente livro de A. Gelin: "Les Pauvres que Dieu aime" (Os Pobres que Deus ama).

## **O monopólio das terras**

Miqueias 2,1-3: *"Ai dos que planeiam a iniquidade. Se cobiçam as terras, apoderam-se delas. Cobiçam as casas e roubam-nas, apanham o dono e a sua casa, o homem e a sua herança."*

## **O carácter venal da justiça**

Amós 5,7-12: *"Ai daqueles que convertem o direito em absinto e deitam por terra a justiça (...) que aborrecem o defensor do direito à porta e detestam o homem que fala com rectidão."*

*Portanto, já que oprimis o pobre e lhe exigis tributos de trigo, não habitareis nestes palácios de pedra que construístes.*

*Não bebereis o vinho das excelentes vinhas que plantastes (...)*

*Sois opressores dos justos, usurpadores de resgates vós que violais o direito do pobre..."*

Uma das mais comoventes descrições da condição dos pobres que apela à justiça de Deus é a que se encontra nos livros de Job, 24,2-12: *"Os maus mudam os marcos das terras, roubam os rebanhos e apascentam-nos, apoderam-se do jumento dos órfãos e tomam como penhor o boi da viúva (...)*

*Os pobres ceifam o campo alheio, vindimam a vinha do ímpio (...)*

*Andam nus, sem roupa e esfomeados, carregam os feixes..."*

A miséria dos pobres não pode senão gritar ao céu vingança e diz o salmo *"Quando um pobre grita, Deus ouve"*. Podem, assim, esquecer-se facilmente os pobres e os pecadores e identificar mais ou menos o pobre com o justo.

## **2. O pobre comparado a um pecador**

Uma outra linha de pensamento, especialmente no círculo dos sábios, tende a ver no pobre, um pecador. Fundamentou-se na ideia da retribuição temporal do justo: a riqueza é a recompensa da virtude, sendo a pobreza o sinal do pecado. O mais belo exemplo é, sem dúvida, o da personagem de Job envolvido numa justificação impossível!

Com efeito: *"Feliz o homem que teme o Senhor, que se compraz nos seus mandamentos; poderosa será no seu país a sua descendência, bendita será a geração dos justos. Abundância e bem-estar haverá na sua casa."*

É que o justo é sempre recompensado. Tudo o que faz é bem sucedido. Pelo contrário, quanto aos pobres e infelizes poder-se-ia dizer rudemente que o são por causa dos seus erros! O livro dos Provérbios está cheio de máximas deste género:

*"A mão preguiçosa empobrece,  
a mão diligente enriquece..." (Pr 10,4)*

*"Não sejas amigo do sono para que não te empobreças;  
abre os olhos e terás pão à vontade." (Pr 20,13)*

*"... porque o ébrio e o glutão se empobrecem e a sonolência andarà vestida de andrajos." (Pr 23,21)*

Os velhos provérbios afixados antigamente nas paredes da escola primária não estão assim tão fora de moda! É uma sabedoria leve, à imagem desta espécie de fábula de um *La Fontaine* bíblico que se poderia intitular: "O preguiçoso e a formiga" (em Pr 6,6-11).

*"Vai, ó preguiçoso, ter com a formiga, observa o seu proceder e torna-te sábio.*

*Ela não tem guia, nem inspector, nem mestre; faz as suas provisões no Verão,*

*ajunta no tempo da ceifa o seu alimento.*

*Até quando dormirás tu, ó preguiçoso?*

*Quando te levantarás do teu sono?*

*Um pouco dormirás, outro pouco dormirarás,*

*outro pouco cruzarás os braços para dormires,*

*então a indigência virá sobre ti como um salteador*

*e a pobreza como um homem armado."*

O livro de Job coloca o problema de uma forma trágica. Job foi ferido por Deus que o pôs à prova. Segundo os seus amigos e a opinião corrente, ele é o pecador. Ora Job afirma com veemência a sua inocência. É, pois, um mistério – o do justo posto à prova – que não está verdadeiramente esclarecido porque esbarra no próprio mistério de Deus. Job reconhece:

*"Sei que podes tudo e que nada te é impossível.*

*Quem é que obscurece, assim, a Providência com palavras ininteligíveis?"*

*Por isso falei indiscretamente de maravilhas que superam o meu saber..."*

(Job 42, 2s)

### **3. A "Aurea Mediocritas" ou nem indigência, nem opulência.**

Nos meios sapienciais desenvolve-se uma terceira linha de pensamento: o ideal é não ter muita riqueza nem muita pobreza.

*" Afasta de mim a falsidade e a mentira,  
não me dês pobreza nem riqueza,  
concede-me o pão que me é necessário,  
para que, saciado, não Te renegue,  
e não diga: " Quem é o Senhor?"  
Ou, então, empobrecido, não roube  
e não profane o nome do meu Deus." (Pr 30,8-9)*

Dá-se, então, uma evolução importante: a pobreza, realidade social, torna-se um valor religioso. Ela designa uma atitude espiritual.

Toda a história do povo de Deus assenta sobre a Aliança entre Deus e o povo que Ele escolheu.

Tendo-se este povo mostrado infiel, Deus castiga-o, sendo o mais terrível destes castigos a ruína do duplo reino e o exílio na Babilónia.

Deus é-lhe fiel. Através destas provas, Deus anuncia pelos profetas uma nova Aliança, definitiva, que prepara o caminho ao Messias e ao Reino. Apenas um senão, o povo dos pobres, os descamisados, será o núcleo.

Assim, o profeta Sofonias, por volta de 640-630, identificou, pela primeira vez, o povo do futuro, como um povo de "*pobres*". Com o tempo, a dramática experiência faz-nos compreender que é preciso fazermo-nos "*pobres*" diante de Deus:

*"Procurai o Senhor  
vós, todos os humildes da Terra,  
que cumpris a Sua Lei.  
Procurai a justiça  
Buscai a humildade:  
talvez assim achareis abrigo  
no dia da Cólera do Senhor."*

(Sof. 2,3)

Lembremo-nos que um dos sinais dos tempos messiânicos é que “*a Boa Nova foi anunciada aos pobres*” (Lc 4,18).

#### ***4. Qual é o espírito destes "anawim"?***

Entre os diversos termos utilizados, cada um com a sua nuance (os mendigos, os miseráveis, os fracos), é a palavra “*anawim*” (os submetidos, os humilhados, os oprimidos) que se torna clássica. Ela vai adquirir uma conotação religiosa: os humildes diante de Deus. São os pobres diabos como são conhecidos em todas as sociedades, estas gentes que parecem atrair sobre si todas as misérias: doenças, vexações, abandono dos amigos...longe de se comprazerem do seu estado, aspiram à libertação, à paz e à alegria. Gritam para Deus que, apesar do salmo, nem sempre os ouve. Mas têm fé e eles ficam em silêncio perante o mistério de Deus. Apesar do seu silêncio, eles têm confiança, como Job, no fim.

São o contrário dos orgulhosos, daquele que se eleva, daquele que tem o coração duro e desprezível. Não têm apoios humanos e não se fazem maus para com Deus.

Ainda hoje se encontra na nossa sociedade gente que não tem nada, não pode nada, gente incapaz de fazer valer os seus direitos, que aspira à libertação e não tem outro recurso que não seja Deus. São esses pobres que na América Latina têm inspirado a teologia da Libertação.

## **II. O Messias dos pobres**

Podemos centrar-nos em três grandes textos:

### ***1. Os cânticos do Servo de Isaías:***

No 4º cântico (Is 52,13-53), particularmente, o servo é descrito como um pobre, o tipo de homem humilde, sobrecarregado de todos os males, mas que é justificado pela sua confiança em Deus. É a figura do Messias dos pobres.

### ***2. O Salmo 22***

É o salmo que começa pelo grito de sofrimento "*Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonaste?*" que Jesus proferiu na cruz, querendo, assim, definir-se como o homem das dores descrito no salmo. E o Evangelho de Mateus quis, por entre os detalhes da paixão de Jesus, valorizar particularmente os que são referidos nas cenas das injúrias, da partilha das vestes...

### **3. O Magnificat**

Maria identifica-se com o povo dos desprotegidos. Não se contenta em citar, para os responsabilizar, as reminiscências do Antigo Testamento e do cântico da mãe de Samuel: Ela tem verdadeiramente alma de pobre e coloca-se na fila dos desprotegidos, e é neste espírito que ela acolhe o Messias dos pobres.

É preciso ver este cântico de Maria, oração das Equipas de Nossa Senhora, nesta perspectiva, sublinhando que tudo o que lá é posto em relevo assenta no espírito de pobreza.

## **III. A Pobreza segundo o Evangelho**

Jesus situa-se na linha do Antigo Testamento, dos profetas e dos sábios: vem completar a evolução. Nas considerações sobre a pobreza material – aquela que se vê – vem juntar uma dimensão evangélica nova – a do coração.

### **1. A Pobreza material**

Trata-se da pobreza sofrida. Ela deve ser combatida como um mal. O tema é recorrente no Evangelho. Encontramo-lo sob três ideias-força:

#### **a. "Tereis sempre pobres entre vós." (Mt 26,11)**

Esta constatação é um facto, não é uma fatalidade. Somos chamados a remediar isso.

O povo bíblico aplicou-se a criar duas situações originais: o ano sabático de 7 em 7 anos, e o ano jubilar todos os 50 anos. Elas deviam permitir, a par de outras disposições, lutar contra os abusos ou derivados



da vida em sociedade. Comportavam três obrigações que é essencial conhecerem-se para se Lhe entender o sentido profundo (Deuteronomio, 15 e Levítico, 25):

**O repouso da terra:** os solos devem ser deixados em pousio durante o ano sabático ou jubilar.

É uma forma de evitar o seu esgotamento e evitar a corrupção da sua natureza e da sua vocação que é estar ao serviço dos homens.

**A remissão das dívidas:** aqueles que, por necessidade ou pobreza, tiveram que se empenhar, dar opções, ou mesmo entregar-se às mãos dos prestamistas, ou usurários, devem este ano, reencontrar, com o perdão das dívidas, a possibilidade de se libertarem e de voltarem a ser eles próprios.

**A libertação geral:** "*Cada um de vós recuperará a sua propriedade, e voltará para a sua família*" (Lv 25,10). As terras e as casas que foram alienadas por necessidade serão restituídas aos seus verdadeiros proprietários. E aqueles que, por necessidade, tiveram de se vender a eles próprios como escravos, em pagamento de dívidas, podem e devem recuperar a sua liberdade e voltar às suas casas.

Apesar disto, os pobres não desapareceram. É preciso, pois, ajudá-los, "*fazer-lhes bem*" porque a injustiça para com eles é uma injúria feita a Deus.

Jesus quer mesmo mais que isto: o pobre é o sacramento da sua própria presença. "*Tudo o que fizerdes aos mais pequenos dos Meus, é a Mim que o fazeis*". "*Tinha fome e deste-me de comer...*" (confrontar o texto do juízo final em Mt 25,31).

## **b. Jesus não condena a riqueza enquanto tal...**

Jesus nunca disse em parte alguma que a riqueza é intrinsecamente má.

Ele teve amigos abastados como o testemunham as mulheres que o ajudavam com os seus bens, ou Lázaro, cuja irmã derramou nos pés de Jesus 300 denários de perfume... (Jo 12,5). Ele próprio soube usar os bens da terra: nas bodas de Caná (Jo 2,1-11), à mesa dos publicanos (Mt 9,10-13). Alguns opunham-Lhe, por vezes, a conduta de João Baptista, o asceta (Mt 18-19). Se Ele não a condena, chama-nos, todavia, a um maior discernimento. O episódio do jovem rico é, sobretudo, um ponto revelador:

Aproximou-se d'Ele um jovem e disse: "*Mestre, que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna?*" Jesus respondeu-lhe: "*Porque me inter-*

*rogas sobre o que é bom? Bom é um só. Mas se queres entrar na vida eterna cumpre os mandamentos.” – “Quais?” perguntou ele. Retorquiu Jesus: “Não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe; e, ainda, amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Disse-lhe o jovem: “Tenho cumprido tudo isto; que me falta ainda?” “Se queres ser perfeito, disse-lhe Jesus, vai, vende tudo o que possúes, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-Me.”*

Ao ouvir isto, o jovem retirou-se contristado porque possuía muitos bens. Jesus disse então, aos discípulos: *“Em verdade vos digo que dificilmente entrará um rico no Reino do Céu”* (Mt 19,16-23).

### **c. ...Mesmo que ela possa constituir um perigo**

*“Em verdade vos digo que dificilmente entrará um rico no Reino do Céu. Repito-vos: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino do Céu”* (Mt 19,23-24).

A imagem é pesada e tem-se tentado encontrar explicações atenuantes. Parece, em princípio, que as duas palavras gregas “cabo” e “camelo” eram muito semelhantes e podem ter sido confundidas: fazer passar um cabo pelo fundo duma agulha é uma imagem mais coerente, mas confessemos que o camelo é mais pitoresco.

No Antigo Testamento, a riqueza aparece como um perigo, porque origina o orgulho e fecha o coração a Deus; ela não pode ser um fim supremo.

No Novo Testamento, o Reino de Deus é o valor absoluto (parábolas do tesouro num campo, da pérola) que está acima de tudo. O perigo seria o de prender o coração à riqueza.

O Evangelho de Lucas faz disso um *“leitmotiv”*. Assim, aos que lhe perguntavam: *“O que devemos então fazer?”*, João Baptista respondia-lhes:

- *“Quem tem duas túnicas, reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos faça o mesmo”* (Lc 3,11).

- *“Dá a todo aquele que te pede e ao que se apodera do que é teu, não lho reclames”* (Lc 6,30).

- *“Vendei os vossos bens e dai-os de esmola. Arranjai vós bolsas que não envelheçam, um tesouro inesgotável no Céu, onde o ladrão não chega e a traça não rói. Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”* (Lc 12,33-34).

- "Ninguém pode servir a dois senhores: com efeito, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro" (Lc 16,13).

O importante é, pois, escolher bem os verdadeiros bens como o mostram, de uma forma muito imaginosa, as parábolas do rico insensato (Lc 12,15-21), a do rico mau e a do Lázaro pobre (Lc 16,19).

## **2. A pobreza como ideal evangélico**

Jesus exprime este ideal apostólico nos costumes dos missionários: "*Para o caminho ordenou-lhes que nada levassem a não ser um cajado: nem pão, nem alforge, nem dinheiro no cinto, que fossem calçados com sandálias e não levassem duas túnicas*" (Mc 6,8-9).

Deu Ele próprio o exemplo, Ele que não tinha onde repousar a Sua cabeça e do qual S. Paulo diz: "*Fez-Se pobre por vós, a fim de vos enriquecer da Sua pobreza.*"

A grande carta das Bem-aventuranças (Mt 5), nomeadamente a primeira, dá o tom e o sentido ao conjunto: "*Bem-Aventurados os pobres porque deles é o Reino do Céu.*" É a **promoção messiânica dos pobres**. Jesus é o Messias dos pobres que vêm fundar o Reino de Deus: "**Felizes**" são eles! Não se trata de uma proclamação revolucionária que cai subitamente do céu; ela está na linha iniciada no Antigo Testamento e lá se encontram reminiscências literárias: "*Os pobres possuirão a terra*" (S 37).

Se Jesus se dirige à multidão constituída por gente variada, visa pelo menos obliquamente os fariseus. A palavra "*felizes*" tinha um sentido religioso, messiânico e aplicava-se àqueles que teriam a possibilidade de estar com o Messias no Reino. Os fariseus que lá se encontravam pensam também "*é para nós*". Porque são justos, conhecedores e praticantes da Lei, enquanto que estes pobres diabos são pecadores, publicanos, gente que não é ninguém. Ora Jesus proclama "*felizes*", precisamente estes pobres que eles desprezam. Sabe-se que Mateus torna isto mais preciso: "*os pobres de espírito*" (aqueles que têm um coração de pobre), enquanto que Lucas diz simplesmente "*os pobres*" acentuando o carácter social.

Todas as outras Bem-Aventuranças explicitam a primeira, desenhavam um retrato do pobre evangélico: os mansos, os pacíficos, os puros de coração, os perseguidos...

Assim, a pobreza espiritual não aparece como uma questão de dinheiro: trata-se, sobretudo, de disposições do coração. Uma outra palavra de Jesus esclarece-nos: "*Aprendeí comigo que sou manso e humilde de coração*" (Mt 11,29). É possível que Jesus tenha dito: Eu sou um "*anaw*" e

que em grego se tenha querido explicitar o sentido desta palavra dizendo: manso e humilde de coração. É talvez a chave para compreender a verdadeira pobreza de coração.

Nesta linha de uma pobreza de espírito, é preciso citar textos que falam da mística do "servo" como "*Quem quiser ser o primeiro no meio de vós, seja vosso escravo*" (Mt 20,27s), como o assombroso exemplo de Jesus lavando os pés dos seus discípulos (cf. Jo 13). É preciso citar também o apelo insistente a uma confiança total na providência do Pai: os lírios dos campos e aves do céu (cf. Mt 6,25-34).

### **Concluamos com A. Gelin**

*"A pobreza evangélica é, na sua profundidade última, uma desistência radical",* uma humildade total e, em consequência, uma confiança sem limites em Deus. É a disposição essencial que a Bíblia, nas suas melhores páginas, tem obscuramente libertado, aquela que confere à linha mística de Israel a sua grandeza, aquela que foi vivida por Maria e valorizada por Deus, o "*anaw*" que glorifica os "*pobres de alma*". O tema transmite-se, desde logo, como o próprio segredo da santidade.

### **C. PISTAS DE REFLEXÃO**

1. Como reagem às três linhas de pensamento? E porquê?
2. Podem encontrar exemplos actuais que correspondam a estas três linhas de pensamento?
3. Que pensam da ideia de dar aos nossos anos jubilares o sentido que tinham na Bíblia o ano sabático e o ano jubilar? (Um perdão completo, um perdão por ordem das coisas e das situações).

**Segunda  
reunião**

## **CAPÍTULO II**

### **A POBREZA À NOSSA VOLTA**

#### **A – TEXTO DE MEDITAÇÃO**

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

**Oração** gravada no muro de um instituto de readaptação em Nova-Iorque:

*"Eu pedi a Deus força para atingir o sucesso, Ele fez-me fraco para que eu aprenda humildemente a obedecer.*

*Eu tinha pedido saúde para fazer grandes coisas, Ele deu-me a doença para que faça coisas melhores.*

*Eu tinha pedido riqueza para que pudesse ser feliz, Ele deu-me a pobreza para que eu possa ser sábio.*

*Eu tinha pedido poder para ser apreciado pelos homens, Ele deu-me fraqueza para que sinta a necessidade de Deus.*

*Eu tinha pedido um companheiro para não viver só, Ele deu-me um coração para que possa amar todos os meus irmãos.*

*Eu tinha pedido coisas que pudessem alegrar toda a minha vida, eu recebi a vida para que me pudesse alegrar com todas as coisas.*

*Eu não recebi nada do que tinha pedido, mas recebi tudo o que esperara.*

*Quase contra a minha vontade, as minhas orações não formuladas foram satisfeitas.*

*Eu sou, entre os homens, o mais ricamente favorecido."*

Esta oração anónima contrária a ideia que se pode fazer da pobreza: o homem a quem foi recusado tudo o que pediu pode considerar --se o mais ricamente favorecido! Ela obriga-nos a um esforço de reflexão, para redefinir o contorno da pobreza.

## **B. TEMA DE ESTUDO**

### **I. Quem são os pobres?**

1. De que se é pobre?
2. De que pobreza se trata?

### **II. Onde estão os pobres?**

1. A pobreza no nosso mundo
2. A pobreza à nossa porta

### **III. *Quantos são eles?***

#### **I. *Quem são os pobres?***

***“É pobre aquele que não tem, que não pode, que não sabe.”***

Aparentemente simples, esta definição de pobre faz pensar em todos os que vivem no dia a dia, sem protecção, sem segurança no amanhã, na dependência do momento: as vítimas da fome, das catástrofes e dos flagelos, do desemprego ou da violência.

##### **1. *De que se é pobre?***

A resposta mais simples refere-se às necessidades imediatas: é pobre aquele que não tem o mínimo para viver. Ela divergirá, seguramente, segundo os países e segundo as épocas – o valor de um bocado de pão não é o mesmo em todo o lado – mas o sentido é claro. Não poder satisfazer a fome, dormir sob um tecto, cuidar-se, numa palavra, não poder assegurar as necessidades vitais é o sinal infalível da pobreza.

A pobreza caracteriza-se, acima de tudo, como uma privação ou uma falta: é pobre aquele que está “*sem*”.

Para lá das necessidades vitais – sem alimentação, sem casa, sem cuidados – o domínio destas privações pode ir muito longe. Pode ser-se ou vir a ser pobre de bens talvez pouco mensuráveis mas essenciais ao sucesso de uma vida:

**A afeição:** há algo mais doloroso do que estar só na vida ou em frente de algum acontecimento? Pode imaginar-se ser feliz “*sem família*”? Um homem que se consagrou à sua carreira profissional, com sucesso ou

não, e que não viu crescer os seus filhos é rico se, no fim da sua vida, os seus filhos experimentarem dificuldades em inserir-se no mundo?

**A liberdade:** como viver plenamente sendo prisioneiro do seu ambiente, sem saber distanciar-se?

**O tempo:** que momento mais rico que aquele que permite assentar e reflectir?

**O sentido moral:** que pode valer uma vida que se alimentará dos ares dos tempos, sem referências morais?

A falta de uma só destas riquezas pode conduzir a graves desequilíbrios. É bem um sinal de que a pobreza não é unicamente material. Ela toca também no mais profundo do ser humano, no que ele tem de mais sensível.

Pode ser-se pobre por falta de dinheiro.

Pode ser-se pobre, também, pelo vazio afectivo, moral ou espiritual.

## ***2. De que pobreza se trata?***

*"Vai, vende tudo o que possúres e dá-o aos pobres... depois vem e segue-me"* (Mt 19,20). Esta forma de privação não tem muitos pontos comuns com a pobreza daqueles a quem a vida não tem sorrído. Não se pode colocar tudo no mesmo plano.

Uma é na maior parte das vezes sofrida, a outra resulta da escolha de responder ao apelo de Cristo para O seguir, desfazendo-se de todos os seus bens.

Uma é o mal absoluto que ninguém, cristão ou não, pode admitir, sendo a mais propagada e a mais dura de combater.

A outra é uma forma de ascese escolhida porque é fonte de vida. Ela é muitas vezes discreta e está sempre ao serviço de Deus ou dos homens, qualquer que seja a expressão:



- ❑ A vida no seio das comunidades religiosas com votos de pobreza.
- ❑ O compromisso nas comunidades herdeiras das primeiras comunidades cristãs nas vidas de místico ou de ermita, totalmente despidas de tudo e retiradas do mundo.
- ❑ O compromisso ao serviço dos pobres no seio das comunidades caritativas (Madre Teresa, Irmã Emanuela) ou dos movimentos de caridade (ATD-Quarto Mundo).
- ❑ Um tempo consagrado às organizações de ajuda humanitária ou social ou, por vezes, a escolha de um ofício tendo por única preocupação o serviço aos outros (no domínio da saúde, da educação, da ajuda mútua, por exemplo).

Como os Apóstolos no seu tempo, estes “pobres” dão testemunho forte do seu compromisso. A sua face resplandece de luz.

## II. Onde estão os pobres?

Quem não ouviu um dia, ou testemunhou a história incrível de um vizinho encontrado morto a dois passos de sua casa sem ter dado por isso?

É preciso não nos enganarmos, a pobreza está bem entre nós, por vezes à nossa porta. Bem delimitada ou difusa, visível ou mais discreta, ela está presente em toda a parte.

### ***1. A pobreza no nosso mundo***

A pobreza fica tradicionalmente acantonada em zonas geográficas precisas e bem delimitadas:

- ❑ À escala do mundo, nos três continentes do hemisfério Sul (África, Subcontinente Indiano, América Central e do Sul) enquanto que os países ricos se situam no hemisfério Norte.
- ❑ Nos países, na periferia das cidades ou em bairros bem delimitados (favelas, bairros antigos, guetos), longe dos bairros residenciais

dos centros das cidades ou dos subúrbios, também eles muito tipificados.

A circulação das populações entre estas zonas é difícil, por vezes perigosa (síndrome de Harlem) ou tornada impossível (encerramento de fronteiras, fenómenos de guetos de ricos e de pobres), mesmo quando a pressão é grande para abrir brechas: pressão das populações pobres nas fronteiras dos países ricos, a mendicidade nas grandes metrópoles modernas.

A grande lentidão com que estas situações são resolvidas, contribui, com efeito, para cristalizar estes entupimentos:

- ❑ O fosso entre ricos e pobres (tanto no plano internacional como nacional) permanece elevado e, por vezes, cresce. O aumento geral do nível de vida num período longo nada muda: o aumento da riqueza não absorve a pobreza nem as zonas onde ela existe.
- ❑ Os países pobres são mais afectados proporcionalmente pelos flagelos da época, quer sejam sanitários (sida) ou ecológicos (Tufões - Tornados), do que os países ricos, acumulando, à partida, maiores prejuízos.

## ***2. A pobreza à nossa porta***

Sem afirmar categoricamente que a pobreza é mais visível hoje que ontem, é presumível que esteja mais presente no nosso ambiente quotidiano.

O urbanismo moderno tem, por sua vez, denunciado o problema – o aparecimento de subúrbios tentaculares onde se amontoam populações muitas vezes desenraizadas – e de conteúdo diluído – outras vezes bem localizadas (recordam-se os bairros de lata dos primeiros tempos da criação do ATD-Quarto Mundo), as zonas de pobreza são hoje mais difíceis de identificar. A causa dessa dificuldade é a aparição de novas formas de pobreza mais difusas e mais complexas, tocando categorias mais diversificadas da população que não vive toda nos bairros de lata, longe disso. Os "*sinais exteriores de pobreza*" são menos visíveis e mais difíceis de contornar.

A circulação muito rápida da informação e dos meios de comunicação actuais não permite que digamos: "*eu não sabia...*" Hoje, todo o mundo sabe. Salvo os que não querem saber. Quem poderia, por exemplo, dizer que não ouviu falar de Madre Teresa? Um destes "*estratagemas*", cuja história tem o segredo, é a dos meios de comunicação modernos se revelarem formidáveis meios de "*consciencialização*" da humanidade! Acontece o mesmo com a mundialização das trocas. Pela aceleração das evoluções e a interdependência cada vez maior das economias, que ela arrasta, pode constituir uma extraordinária oportunidade de integração de todas as economias, incluindo nela os mais pobres no circuito das trocas internacionais.

### III. Quantos são?

Não falta o recenseamento da pobreza no mundo. Por razões bastante evidentes, limitam-se a dados essencialmente quantitativos. As suas outras formas (psicológicas, afectivas) são mais difíceis de contornar e avaliar.

Segundo o último estudo disponível (Fundos das Nações Unidas para a População – Setembro 1999), o mundo conta oficialmente com 1,5 mil milhões de indivíduos, vivendo em estado de pobreza, quer dizer, um indivíduo em cada quatro vive com o equivalente a 1 dólar americano, ou ainda menos, por dia.

Outros números falam por eles próprios – 4,8 mil milhões de habitantes dos países em vias de desenvolvimento:

- ❑ 60% está privado da higiene mais elementar;
- ❑ 30% não tem acesso a água potável;
- ❑ 25% tem falta de alojamento adequado;
- ❑ 20% das crianças não completa a escolaridade primária.

Um estudo mais apurado do fenómeno da pobreza mereceria, certamente, ser completo com indicações de natureza diferente: depressões, suicídios...

Quaisquer que sejam estes complementos e a qualidade das investigações desta natureza, importa refazer a imagem do mundo que elas nos dão, num determinado momento, numa perspectiva esclarecedora do sentido da evolução. Na sua falta, a visão do problema não poderia ser mais que uma visão deformada.

A este respeito, a situação presente do mundo inscreve-se numa dupla dinâmica:

- ❑ Uma tendência histórica da elevação do nível geral de vida da humanidade. Dêmos alguns exemplos simples: a água, a electricidade, o telefone e, mais recentemente, a Internet são conquistas do século XX, largamente difundidas.
- ❑ Uma acentuação recente – uma dezena de anos – do afastamento entre os mais ricos e os mais pobres. O mundo que se desenha sob os nossos olhos corre um risco real de se concentrar numa porção limitada do globo de onde seriam excluídas certas regiões inteiras (uma grande parte da África, em particular).

Estas duas tendências não são contraditórias senão na aparência:

- ❑ A melhoria do nível de vida, mesmo desigual, está aberta a todos. Foi assim que a fome desapareceu em alguns anos na China.
- ❑ Fora disso não existem na história processos de crescimento partilhado de forma homogénea? A constatação do agravamento das desigualdades é suficiente para condenar o crescimento das riquezas, enquanto tal?

### **C. PISTAS DE REFLEXÃO**

1. A pobreza tem para nós um rosto anónimo? Somos capazes de lhe dar um rosto? Dos que nos rodeiam, de quem é esse rosto?
2. Há ligações entre todos estes termos, luta contra a pobreza, progresso, crescimento, desenvolvimento, enriquecimento, proveito, por uma parte, e luta contra a pobreza, partilha, solidariedade, justiça, igualdade, por outra?
3. Que atitude concreta podemos tomar face aos "*pobres*", nossos próximos?

## A POBREZA MATERIAL E A POBREZA ESPIRITUAL

### A – TEXTO DE MEDITAÇÃO

(Devem escolher um dos textos para a oração da reunião)

Oração sobre as Bem-aventuranças (Lc.6,20-26; Mt. 5,3-12)

*Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino do Céu.*

*Bem-aventurados sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa.*

*Exultai e alegrai-vos, porque grande será a recompensa no Céu, porque também assim perseguiram os profetas que vos precederam.”*  
(Mt 5,3-12)

*Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação!*

*Ai de vós, os que agora rídes porque gemereis e chorareis.*

*Ai de vós, quando todos os homens disserem bem de vós. Era precisamente assim que os pais deles tratavam os falsos profetas.”*  
(Lc 6,20-26)

\*\*\*\*\*

*”Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino do Céu.*

*Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra.*

*Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.*

*Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*

*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.*

*Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.*

## **B – TEMA DE ESTUDO**

Nós somos todos pobres, num momento ou noutro, na hora da incompreensão, do revés, da doença ou da morte.

Esta reflexão, ouvida muitas vezes, faz pensar, em princípio, na pobreza material. À hora da morte, não temos efectivamente mais nada e partimos sem as nossas riquezas. Ela evoca também uma outra forma de pobreza, mais subtil, a dos momentos de sofrimento moral ou espiritual.

As duas faces da pobreza – pobreza material e pobreza espiritual – coincidem ou têm registos diferentes? Pobres e ricos não são eles confrontados na sua existência com situações, escolhidas ou não, que são as mesmas, ou que, sem serem necessariamente idênticas, suscitam as mesmas questões e permitem distinguir reacções do coração ou da alma sem ocultar as do dinheiro?

Para lá das diferenças evidentes entre as duas formas de pobreza, material e espiritual, existem ligações que esta simples meditação sobre o sofrimento, o revés ou a morte, nos faz lembrar.

### ***I. As duas faces da pobreza***

#### 1. A pobreza material

- a. A pobreza resulta da ausência de regras do jogo
- b. A pobreza vem da falta de iniciativa dos indivíduos

#### 2. A pobreza espiritual

### ***II. Duas faces, o mesmo olhar***

1. Riqueza material e pobreza espiritual

## 2. Pobreza material e pobreza de coração

### ***I. As duas faces da pobreza***

#### ***1. A pobreza material***

É pobre aquele que nada tem ou, para ser mais preciso, aquele que não tem o mínimo para viver (comer, dormir numa cama e, no melhor dos casos, poder cuidar-se).

Não é a miséria – neste caso o mínimo vital não é assegurado (nem alojamento, nem pão, vida errante) – mas a nudez, a vida do dia a dia, as privações. A pobreza é a dependência dos outros, da sociedade, dos acontecimentos da vida. O pobre é o contrário do esquilo: não tem nada que lhe permita prever ou ajudar a ultrapassar os golpes duros da vida. Ele vive na incerteza do amanhã e cada dia pode revelar-se uma provação.

A vivência da pobreza evolui:

- ❑ No tempo: que há de comum entre a pobreza deste início de século e a que existia há três ou quatro séculos?
- ❑ E no espaço: o estado de pobreza em Portugal não é comparável à que podemos encontrar, por exemplo, em África.

Os pobres, hoje, não são necessariamente os pobres de ontem e os de amanhã poderão ser diferentes dos de hoje (à escala dos países, a expressão *Novos Países Industrializados* utilizada nos círculos internacionais é, a este respeito, explícita) e o que pode parecer como uma situação de pobreza em tal contexto não é necessariamente entendido da mesma maneira a algumas centenas de quilómetros.

Seria difícil estabelecer uma enumeração exaustiva das formas de pobreza, tantas e tão complexas são as suas manifestações. Limitá-la a uma simples listagem, ela mesma flutuante no espaço e no tempo, seria enganador.

Pode-se todavia tentar salientar alguns dos seus traços mais marcantes:

- ❑ Fraco rendimento monetário e muitas vezes irregular;
- ❑ Situação precária a nível pessoal, familiar e social;
- ❑ Falta de acesso à educação, à saúde, à cultura, às férias;



- ❑ Ausência do pequeno supérfluo ou da fantasia que pode dar vida;
- ❑ Dependência face à colectividade, quer se trate das prestações sociais, subvenções de toda a ordem ou simplesmente da esmola;
- ❑ Fragilidade para com a doença e os flagelos.

A origem da pobreza material dá lugar a um debate rico de ensinamentos e de polémicas, quer seja a nível nacional ou internacional. Em resumo: pode dizer-se que as duas teses se confrontam:

### **a. A pobreza resulta da ausência de regras do jogo**

Os mais fortes, os mais desembaraçados ou, muito simplesmente, os mais afortunados aproveitam para enriquecer à custa dos mais desfavorecidos, que estão sós ou são explorados. A nível internacional, os países desenvolvidos são acusados de enriquecer à custa dos países pobres, pilhando ou explorando as suas riquezas (matérias primas, mão-de-obra) por quase nada.

Só a definição de uma ordem económica e social, fundada sobre regras constrangedoras, e a intervenção da colectividade (Estado, Organizações Internacionais) poderia permitir uma melhor partilha das riquezas.

### **b. A pobreza vem da falta de iniciativa dos indivíduos**

Os indivíduos estão muito habituados a estar sob a responsabilidade do colectivo e são pouco incitados a trabalhar. Cada um tem as suas possibilidades, os seus talentos e deve fazê-los frutificar.

A colectividade não deve, em nada, refrear ou impedir as iniciativas, elas mesmo criadoras das riquezas e do entusiasmo pelo desenvolvimento económico.

Segundo as épocas ou circunstâncias, o acento é posto numa ou noutra de duas abordagens, mas o debate fica inflexível e, por vezes, violento, tal como a busca da melhor solução para os problemas da pobreza. Assim o testemunham, as reflexões actuais nos países ricos sobre a prioridade a dar à assistência e ao trabalho. Nos países pobres a questão da responsabilidade das elites, mais preocupadas com o seu próprio futuro do que com o desenvolvimento dos seus países, é igualmente suscitada da mesma forma que outros males (corrupção, gerontocracia, nepotismo) mesmo que não seja o seu apanágio.

Uma conclusão – mesmo provisória – parece impor-se: a análise das causas da pobreza não se pode limitar a argumentações tão simplistas.

## **2. A pobreza espiritual**

A pobreza espiritual pode resumir-se a este estado de alma que é escuta, abnegação, aceitação total dos outros e do que acontece, renunciando a impor-se.

O homem está confiante e louva a Deus pela sua vida, sendo a sua maior felicidade esta submissão à Vontade Divina. A pobreza espiritual é o despojamento de si próprio.

Ela assume formas diversas:

- A oração (evocação e contemplação), sinal de que o Senhor é o ponto de partida e de chegada de tudo;
- O esquecimento de si. A vida não é feita para amalhar dinheiro e adormecer sobre os seus triunfos. Um homem pobre espiritualmente é aquele que experimenta a necessidade de procurar, de ir mais longe. Ele nunca se satisfaz. Tem "*a coragem de ter medo*" (Padre Molinié);
- A humildade, penhor de uma maior escuta e de uma grande disponibilidade para os outros, as suas ideias, os seus problemas, a sua fé. É ao contrário do que o Padre Varillon qualificava de rico, porque "*não tem necessidade de pedir*" e basta-se a si próprio.

A pobreza espiritual desenvolve uma força interior inabalável e muitas vezes radiosa. Ela está em Deus e para glória de Deus.

## **II. Duas faces, o mesmo olhar**

*"Pensamos que se pode falar a todos desta pobreza que se situa a nível do coração, independentemente das suas condições económicas e sociais, ainda que estas possam ser grandemente modificadas por esta virtude interior"* (Santo Ambrósio).

Esta frase coloca, em algumas simples palavras, o problema dos laços entre a pobreza material e a pobreza espiritual. Estes poderiam ser

resumidos sob a forma de duas questões essenciais que dizem respeito a todos os cristãos, quem quer que sejam:

- ❑ Pode ser-se rico e pobre espiritualmente?
- ❑ A pobreza material é uma garantia da pobreza do coração?

## ***1. Riqueza material e Pobreza espiritual***

*“É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus!”*

Tomado à letra, o alerta de Jesus é claro: o Reino dos Céus não está fechado ao rico, mas a sua riqueza constitui um problema para a sua salvação. Mais tarde, nas Escrituras, o Senhor explica, do mesmo modo, que não se pode querer servir a dois senhores ao mesmo tempo, a Deus e ao dinheiro. As ordens monásticas tiraram, desta máxima, uma conclusão simples, impondo o voto de pobreza a todos os seus membros.

O cristão deve, por isso, instruir-se no espírito de pobreza? A pobreza material constitui o único ideal cristão digno deste nome? Que olhar lançamos nós sobre a pobreza? Não podemos iludir as questões, supondo que o apelo de Jesus ao jovem rico não se dirige senão àqueles cuja vocação é a de servir, no seio da sua Igreja, depois de ter feito voto de pobreza.

Também não esqueçamos que Cristo não condenou a riqueza enquanto tal, mas pôs-nos em alerta contra os seus perigos e avisou-nos sobre a sua utilização segundo o ideal evangélico.

## ***2. Pobreza material, Pobreza de coração***

Na noite de Natal, um homem que nada tinha deu as poucas moedas que tinha recolhido na rua (um tesouro para ele!) às crianças hospitalizadas. Esta história verdadeira é uma fonte de meditação.

As privações – reais ou entendidas como tal – que arrastam a pobreza podem conduzir a uma dureza de coração pouco comum, até mesmo reacções violentas e hostis:

- ❑ O espírito de vingança, inveja, ciúme para com os que possuem riqueza (a ira);

- ❑ A luta entre os rejeitados para preservarem uma hipotética riqueza (a defesa das terras);
- ❑ Tentação de revolta e de desespero.

Pobreza material e pobreza de coração não estão ligadas a ponto de fazer de uma a condição da outra. Salvo num caso, e ainda assim, não é S. Francisco que quer, quando é escolhida a pobreza material.

Pelo contrário, a pobreza material pode revelar-se um impasse sem esperança de onde é difícil, até mesmo impossível, sair incólume. O cristão não pode demonstrar angelismos e fingir ignorar esta realidade, ou pior, desinteressar-se.

Assim, devemos interrogar-nos:

- ❑ Que significa, para aqueles que tudo receberam, a dignidade do pobre?
- ❑ Que fazer concretamente para lha restituir ou para lha dar?
- ❑ Que sabemos nós dos pobres? O nosso conhecimento sobre o mundo é académico? Temos pensado como Cristo em recebê-los à nossa mesa? Como escolhemos os nossos amigos?
- ❑ Inversamente, já nos perguntámos o que é que os pobres pensam dos mais ricos e das suas formas de agir?
- ❑ Mas ainda mais fundamental, sabemos discernir os nossos comportamentos, distinguir um comportamento de rico de um comportamento de pobre?

### **C. PISTAS DE REFLEXÃO**

1. Pobreza material e pobreza espiritual estão ligadas ou são independentes?
2. Quem é o rico na Parábola dos talentos?
3. Que partilhamos com os outros e como o fazemos?
4. Que dizemos aos nossos filhos? Como os alertamos para estas realidades da riqueza e da pobreza?
5. Do que é que, cada um de nós está disposto a despojar-se de forma definitiva na ocasião do debate deste tema: um traço do carácter? Um hábito? Um conforto material?

A resposta a estas questões deve resultar numa troca de impressões em casal e dar lugar à adopção de uma regra de vida (individual e/ou do casal).

### **UMA OUTRA FORMA DE LER AS BEM-AVENTURANÇAS**

Para meditar com um certo humor, que é também uma maneira de não se tomar a sério...

- Bem-aventurados os que sabem rir de si próprios, eles divertir-se-ão sempre.
- Bem-aventurados aqueles que sabem distinguir uma montanha de um montículo, ser-lhe-ão evitadas muitas arrelias.
- Bem-aventurados aqueles que vêem bem onde põem os pés, eles evitarão as cascas de banana.
- Bem-aventurados aqueles que são capazes de repousar e dormir sem procurar desculpas, eles tornar-se-ão sábios.

- Bem-aventurados aqueles que sabem calar-se e escutar, eles aprenderão coisas novas.
- Bem-aventurados aqueles que são bastante inteligentes por não tomarem as coisas a sério, eles serão apreciados por quem os rodeia.
- Bem-aventurados aqueles que estão atentos ao chamamento dos outros sem todavia se sentirem indispensáveis, eles serão semeadores de alegria.
- Bem-aventurados sejais vós, se souberdes olhar seriamente as pequenas coisas e pacificamente as coisas grandes, vós ireis longe na vida.
- Bem-aventurados sejais vós, se souberdes admirar um sorriso e esquecer uma lágrima, o vosso caminho será cheio de sol.
- Bem-aventurados sejais vós, se fordes capazes de interpretar sempre com benevolência as atitudes dos outros, mesmo se as aparências são contrárias, vós passareis por ingénuos, mas é o preço da caridade.
- Bem-aventurados aqueles que pensam antes de agir e que rezam antes de pensar, eles evitarão muitos disparates.
- Bem-aventurados sejais vós, se souberdes calar e sorrir mesmo quando vos cortam a palavra, quando vos contradizem ou vos insultam, o Evangelho começa a penetrar no vosso coração.
- Bem-aventurados, sobretudo, vós que sabeis reconhecer o Senhor em todos aqueles com quem entrais em conflito, vós encontrastes a luz e a verdadeira sabedoria.

### O ESPÍRITO DE POBREZA EVANGÉLICA

#### A – TEXTO DE MEDITAÇÃO (Mt. 11,28-3)

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

*"Vinde a Mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e Eu vos darei descanso.*

*Tomai sobre vós o Meu jugo e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para as vossas almas, pois o Meu jugo é suave e o Meu fardo é leve."*

Dizendo isto, Jesus coloca-Se no número dos desprotegidos, os pobres de Deus, mas dá-lhes uma definição a que nós chamamos o espírito da pobreza evangélica. Não é, em princípio, uma questão de dinheiro como poderíamos estar tentados a acreditar, é uma questão de espírito, de disposição do coração.

Não significa que a relação com o dinheiro não tem importância, mas esta relação não pode ser vivida cristãmente, "**evangelicamente**", sem a pobreza de coração. Pode ser-se realmente pobre sem se ser pobre de coração.

Há um procedimento pedagógico muitas vezes precioso – uma definição e uma descrição "*pela negativa*" – que pode ser utilizado para referenciar os comportamentos que estão na oposição deste espírito de pobreza, em particular, o orgulho e a dureza de coração.

## **B – TEMA DE ESTUDO**

### ***I. O orgulho da inteligência e dos dons naturais***

#### ***II. O orgulho da virtude***

1. Uma mentalidade de "*justos*"
  - a. As zonas de sombras
  - b. As estruturas do pecado
  - c. O apego aos nossos direitos
2. O desprezo dos pecadores

#### ***III. O orgulho da raça***

1. O orgulho da raça
  - a. O racismo propriamente dito
  - b. O nacionalismo
  - c. O regionalismo
2. O orgulho da classe social
  - a. Para com "*a outra classe*" em bloco
  - b. Para com os indivíduos
  - c. Frente a frente das "*relações sociais*"
  - d. E na Igreja?

#### ***IV. O orgulho de mim***

1. O gosto pelo poder, a sede de autoridade, do comando
2. O gosto pelo prestígio
3. O desejo de parecer



## I. O orgulho da inteligência e dos dons naturais

Os homens não nascem iguais. Eles são-no, talvez, por direito, como o afirma a Carta dos Direitos do Homem, mas não o são, na realidade. A inteligência não é igual em todos e podem medir-se os desvios do QI. Existem dons inatos distribuídos desigualmente. Alguns têm o dom da palavra, outros sabem desenhar ou fazer pequenos trabalhos. Nem toda a gente tem a mesma habilidade manual. Em suma, existe uma séria desigualdade na distribuição dos dons naturais.

Temos o direito de nos envaidecermos com isso? Há uma forma de orgulho que pode ser uma defesa. É o que Mauriac pareceu pensar a propósito de Teresa Desqueyroux. A professora de Liceu diz: "*O orgulho de pertencer à elite humana defende-a melhor do que o faria o medo do castigo*".

Mas que atitude assumir para estar no espírito evangélico?

1. Seria estúpido negar os dons que se receberam. É preciso saber reconhecê-los. Caso contrário seria cair numa falsa humildade. A humildade não consiste em negar a evidência e em mentir... "*Humilitas est veritas*": a humildade é, simplesmente, reconhecer o que é verdadeiro, sem vaidade e sem menosprezar os outros.

2. Em seguida, é preciso aprender a conhecer-se bem para dar graças pelo que se recebeu sem qualquer mérito ("*que tens tu que não o tenhas recebido?*") e aprender a pôr em prática a lição que devemos levar muito a sério porque, quando partirmos, teremos de dar contas de quanto recebemos. Não podemos dizer: "*recebi dez talentos, cravei-os e fiz deles uma pluma para o meu chapéu.*" Deveremos justificar o uso que teremos feito deles ao serviço dos outros. Para com estes dons, inatos em nós, há três tempos na nossa atitude:

- ❑ Agradecer a Deus os dons que nos deu à nascença;
- ❑ Fazer frutificar esses dons ao serviço dos outros;
- ❑ Prestar contas deles ao Dador de todo o bem.

Madre Teresa dizia que cada um tem o seu talento pessoal. Temos essa experiência na vida familiar ou profissional. O importante é encontrá-lo e pô-lo a render.

## II. O orgulho da virtude

Sabemos bem que o orgulho, no plano dos princípios, vicia tudo o que toca, que não é bom atribuir-se o mérito da sua virtude e comprazer -se na sua própria excelência. Mesmo as melhores coisas, mesmo as mais belas qualidades, podem ser atingidas pelo orgulho e é difícil desenraizarem-se dele. Conhece-se o slogan pitoresco "*humildade, virtude enganadora, desde que acredites que a tens, já a não tens!*" Sabemos bem, também, em teoria, que todo o dom virtuoso vem de Deus, como dizia S. Tiago. Sabemos que somos salvos, redimidos e que é a graça de Deus que opera em nós o que em nós há de bom.

Mas na prática?

O fariseu da parábola (Lc. 18,9) aparece como o exemplo daquilo que é preciso evitar, o "*complexo do fariseu*" que pode definir-se de duas maneiras: uma mentalidade de justo e o seu complemento, o desprezo dos pecadores.

### **1. Uma mentalidade de "justo"**

Consideramo-nos nós como justos? Somos justos? Temos o complexo dos bons sentimentos, das pessoas virtuosas? Reconhecemo-nos como pecadores, diante de todos, em cada celebração eucarística ou não é mais do que um ritual? No fundo de nós próprios, que pensamos disto? Sem dúvida que a maior parte das vezes pensamos qualquer coisa como: "*feitas as contas, quando olho para mim não sou orgulhoso, mas quando olho os outros...*" ou ainda "*quando me olho, fico desolado, quando me comparo, fico consolado*". Uma análise lúcida conduz-nos à reflexão em três direcções:

#### **a. As zonas de sombra**

Há zonas de sombra na nossa vida que temos dificuldade em ver: rancores, recusa de perdão, histórias de família...? E que dizer destes pecados de língua que o apóstolo Tiago descreveu numa linguagem metafórica:

*"Se alguém não peca pela palavra, esse é um homem perfeito, capaz de dominar o seu corpo.*

*Quando pomos o freio na boca do cavalo para que nos obedeça, dirigimos todo o seu corpo.*

*Vede também os barcos: por maiores que eles sejam, fustigados por ventos impetuosos, são governados por um pequeno leme, segundo a vontade do piloto. Assim, também a língua é um pequeno membro e gloria-se de grandes coisas.*

*Vede como um pequeno fogo pode incendiar uma grande floresta! A língua também é fogo (...). Todas as espécies de animais selvagens, de aves, de répteis e de animais do mar podem domar-se e têm sido domadas pelo homem. A língua, pelo contrário, ninguém a pode dominar: é um mal incontrolável, carregada de veneno mortal (Tgo 3,2-8).*

Que dizem também das discórdias e disputas entre os bons cristãos?

*"De onde vêm as guerras e as lutas que há entre vós? Não vêm precisamente das vossas paixões que se servem dos vossos membros para fazer guerra? Cobiçais, e nada tendes? Então, matais! Roeis-vos de inveja, e nada podeis conseguir? Então, lutais e guerreaís-vos! Não tendes, porque não pedis" (Tgo 4,1-2).*

## **b. As estruturas do pecado**

Estamos conscientes de participar no que hoje se chamam estruturas do pecado? Tomamos parte no pecado do mundo. *"Porque tive fome e não me deste de comer..." (Mt 25,42).*

O exemplo da injustiça no mundo e na situação dos países pobres é, a este respeito, para meditar.

Que fazemos nós face a esta situação? Que devemos fazer? Que podemos fazer no nosso raio de acção?

Se a resposta não é sempre muita clara, uma coisa é certa: não podemos estar totalmente seguros da nossa virtude e da nossa justiça.

## **c. O apego aos nossos direitos**

Que apego temos nós aos direitos que reivindicamos?

Se praticamos a virtude, fazemo-lo gratuitamente ou para entesourar dons para a vida eterna? A abnegação de hoje deve ter um dia a sua compensação? Senão *"isso não seria justo"*! Para os que não fazem cálculos, isso não importa! O espírito evangélico está muito naquele que faz prática da gratuidade (*"recebestes gratuitamente, dai gratuitamente!"*), e em quem investe em querer a salvação de todos e não *"cada um por si"*.

## **2. O desprezo dos pecadores**

Como compreender a palavra "pecador"? É um vocábulo que já não tem valor numa época em que se perdeu o significado do pecado. Segundo uma expressão célebre, é-se "responsável, mas não culpado". A palavra "pecador" está associada ao fruto de um julgamento, mesmo se julgar e condenar for um erro.

Com que direito podemos julgar os outros? Os juízes instituídos, mandatados para julgar, rodeiam-se de mil precauções: inquéritos, interrogatórios, confrontação de testemunhas, advogados de defesa... e nós, muitas vezes, julgamos sem saber nada.

Leiamos ainda S. Tiago: *"Não faleis mal uns dos outros, irmãos. Quem fala mal de um irmão e julga o seu irmão, fala mal da Lei e julga a Lei. Ora se julgas a Lei, já não és observador da Lei, mas seu juiz. Há um só legislador e um só juiz que pode salvar ou condenar. Mas quem és tu, que julgas o teu próximo?"* (Tgo 4,11-12).

A dureza do coração é ausência de misericórdia. Não seremos nós próprios julgados acerca disto? *"Falai e procedei como pessoas que hão-de ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque quem não pratica a misericórdia será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento"* (Tgo 2, 12-13).

## **III. O orgulho da raça**

Cada um de nós pertence a uma história que lhe é própria. A legítima dependência que daí resulta torna-se prejudicial desde que ela dê origem a um sentimento de superioridade ligada a uma raça ou a uma classe social.

### **1. O orgulho da raça**

Não há dúvida relativamente a esta situação real – o crescimento da emigração, a mistura das populações (fala-se naturalmente de um limiar de saturação que será preciso não ultrapassar), as diferenças muitas vezes difíceis de conciliar nas formas de viver ("o barulho e os odores...") – o racismo é um fenómeno muito presente hoje.

Apresenta-se sob formas ou graus diversos:

### **a. O racismo propriamente dito**

O racismo põe-nos um problema político muitas vezes agudo, mas para os cristãos é, antes de tudo, um problema de espírito evangélico. Somos racistas? Evidentemente que não! Pouca gente se reconhece ousadamente racista. Seria bom examinar as nossas reações espontâneas, os nossos reflexos, os nossos complexos.

### **b. O nacionalismo**

A forma é mais benigna, mas, no fundo, não é assim tão diferente. É legítimo e louvável ser afeiçoado ao seu país e aos seus valores. O patriotismo é uma virtude que até pode ser heróica. Mas não deve viver-se à custa do desprezo e da difamação dos outros. O nosso mundo conhece bem estas formas de exaltação, exacerbada dum sentimento nacional que degenera depressa em xenofobia e se dobra sobre si mesmo.

### **c. O regionalismo**

Houve sempre na história episódios trágico-cômicos, mas também dramáticos, de oposições e conflitos entre cidades rivais, entre regiões vizinhas. Isso pode gerar ou levar a tendências do coração e condutas práticas que não têm nada a ver com o espírito evangélico. Até o desporto que deveria ser uma confrontação calma e pacífica não é poupado!

## ***2. O orgulho da classe social***

A divisão da população em classes diferentes é inevitável. Mesmo os regimes comunistas que pretendiam a supressão dos privilégios sociais não tiveram êxito ao nivelar as categorias. Até nos países, onde se exalta uma liberdade perfeita e são dadas facilidades a todos, as desigualdades persistem e muitas vezes até aumentam. É preciso procurar o equilíbrio, não se cultivando preconceitos.

### **a. Para com "a outra classe" em bloco**

Estes preconceitos de classe, como o racismo, não são, por outro lado, de sentido único: eles jogam reciprocamente. Os "*burgueses*" são pessoas que não têm de trabalhar, ou trabalham muito pouco! A classe operária nunca está satisfeita com a sua sorte e está sempre pronta a partir

para a greve. Quanto aos camponeses, nunca estão contentes: ou chove muito, ou há seca!

## **b. Para com os indivíduos**

Cada um é muitas vezes rotulado, por toda a sua existência, pelo seu nascimento (alguém de "*baixa ascendência*"), pela sua situação social ou profissional. Os pobres podem ser facilmente suspeitos: nos segundos nocturnos do breviário de antes do Concílio encontrava-se muitas vezes, a propósito dos Santos, a expressão reveladora: "*nascido de pais pobres, mas honestos.*"

## **c. Frente a frente das "*relações sociais*"**

Trata-se de manterem a sua posição e de se afirmarem. Não se frequenta a casa de certas pessoas porque se calcula que isso seria perder prestígio (curiosamente as pequenas diferenças sociais preocupam demais). Vê-se, em certas paróquias, pessoas que comungam lado a lado na missa e que, fora da Igreja, se ignoram totalmente. Mesmo nas Equipas de Nossa Senhora poder-se-iam citar exemplos bastante dolorosos deste ostracismo de classe.

## **d. E na Igreja?**

Outrora, não assim há tanto tempo, havia nas paróquias classes de casamentos e de enterros. Havia na igreja lugares reservados para determinadas pessoas e outros para os indiferenciados.

Há sempre uma espécie de casta dos clérigos, face aos leigos.

Há os homens e há as mulheres que, na altura das celebrações, embora já não permaneçam em naves diferentes, não estão em pé de igualdade.

Nisto tudo o que é que se realça da legítima diversidade de funções, e o que é que é simples igualdade social? Que concluir sobre este orgulho de casta?

Certas desigualdades existirão sempre. Mas é preciso, pelo menos, vigiar para que as distâncias não aumentem. Não pelo paternalismo das gerações de bons cristãos, bem intencionados, mas pouco clarividentes – o que eleva os de boa consciência e humilha os outros – mas pela fraternidade, por um amor fraterno que é o verdadeiro laço entre todos os homens, filhos do mesmo Pai.

Há, com efeito, uma espécie de dogma fundamental, que não é proclamado explicitamente no nosso Credo, mas que está subjacente em qualquer manifestação de fé (como a criação, a encarnação, a redenção...): é a igualdade radical de todos os seres humanos diante de Deus, a igual dignidade humana de todos aqueles que foram criados à imagem de Deus, que foram salvos pelo sangue de Cristo. É esta a dignidade que é preciso reconhecer sempre e respeitar em todos porque todos são chamados ao mesmo destino: "*Pois, todos os que fostes batizados em Cristo, revestistes-vos de Cristo mediante a fé. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre; não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus*" (Gal 3,27-28).

## **IV. O orgulho de mim**

Este orgulho de mim – do *ego* – assume três facetas:

### ***1. O gosto pelo poder, a sede de autoridade, de comando***

Podemos encontrá-lo em certos tipos de educação que incentivam facilmente à vocação de chefes, são os destinos dos "iluminados". Há aqueles que nasceram para mandar e aqueles que foram feitos para obedecer, destinos diferentes de senhores e de escravos.

Não se trata de condenar as responsabilidades. O pobre de coração não recua diante da decisão, ele sabe ir direito ao fim, mas não se impõe sem ouvir. Ele reconhece as boas ideias dos outros, não se deixando animar pelo desejo de dominar ou derrotar os outros.

### ***2. O gosto pelo prestígio***

Gostar de construir a sua imagem, querer edificar a sua própria estátua é uma tentação que pode condicionar uma vida inteira. Arriscamo - nos a ficar prisioneiros, deixando desde logo de ser verdadeiros. Este gosto pelo prestígio manifesta-se de diversas maneiras:

- Recusar admitir os seus limites, os seus defeitos e fraquezas, escondendo-os cuidadosamente ou tentando justificar-se. Mais do que ser humilhado e de perder as aparências, reconhecer os seus males e confessar os seus erros é crescer, é engrandecer-se.

- ❑ Querer estar sempre na primeira fila, não aceitar fazer parte de um grupo ou de uma equipa, onde não tenha condições para ser o chefe. Nunca ficar atrás dos outros ou, pior ainda, não ficar no anonimato.
- ❑ Evitar ser eclipsado, encontrar-se preso numa engrenagem e empenhar-se numa carreira esgotante, segura em matéria de modas, passatempos, modo de vida.

O pobre de coração não é escravo da ostentação de uma imagem, de um prestígio vibrante. *"E quem quiser ser o primeiro no meio de vós, seja vosso escravo"*(Mt 20,27).

### **3. O desejo de parecer**

A vaidade, mais do que o orgulho, está talvez na sua origem.

Querer brilhar, ser admirado ou invejado, embora isso custe, lançar poeira nos olhos são as suas facetas. O essencial não é ser, mas parecer. Isto conduz ao equívoco, à falsidade, ao fechar os olhos... O que conta não é o que se é, mas a imagem que se dá de nós mesmos.

O importante não é a imagem que damos aos outros, mas aquela que Deus tem de nós: possamos nós, a Seus olhos, estar entre os pobres segundo o Seu coração!

## **C. PISTAS DE REFLEXÃO**

1. Que traço de orgulho decidimos nós tentar abandonar no momento desta reflexão?
2. Estamos lúcidos no que diz respeito às nossas atitudes? Recorremos ao exame de consciência?
3. Na Igreja, em geral, em que situações ainda transparece o espírito de casta?



### O DIREITO DE PROPRIEDADE E O USO DE BENS

#### A – TEXTO DE MEDITAÇÃO

(Este texto deve ser escolhido para a oração da reunião)

O Padre Ganne conta muitas vezes esta história: Acabara de estudar o Evangelho com um grupo de engenheiros católicos do MCC, que tinham reflectido sobre as questões da pobreza. Um dos engenheiros disse ao Padre Ganne: *"Compreendi, a pobreza é essencial. Que devo eu fazer?" "Procura e encontrarás!"* – respondeu-lhe o Padre Ganne. Então o engenheiro procurou e encontrou um certo número de coisas. Tinha um belo piano, vendeu-o e deu o dinheiro aos pobres. Do mesmo modo procedeu em relação à sua secretária de castanho e substituiu-a por uma mesa de madeira branca. Substituiu a sua potente viatura por um 2cv. O Padre Ganne veio a casa dele e mostrou-lhe má cara. *"Nunca mais virei tocar piano em tua casa. A tua potente viatura prestava bons serviços para passear os amigos ou os vizinhos. Tudo isto terminou. E a tua mesa de madeira branca, francamente, não é nada bonita."* *"Vós dissestes-me para procurar; eis, pois, o que encontrei."* *"Encontraste tudo ao contrário."* *"Mas então o que é que eu devo fazer?" "Procura e encontrarás!"*

Acabou por descobrir que há 20 anos que habitava aquele imóvel e que não tinha convidado, uma única vez, a família do porteiro para tomar uma chávena de café com ele, que não tinha visto os casebres a algumas centenas de metros da sua casa, que não tinha contactos fraternais... e o Padre Ganne disse-lhe: *"Bravo! Dizes bem, não há nada pior que um rico que não tenha dinheiro. Pois se é preciso ser rico, vale muito mais que tenha dinheiro. Uma alma de rico a quem falta dinheiro é terrível. O vosso porteiro não fica incomodado com um piano. O ideal não é não terdes um piano, mas que todos aqueles que têm um certo talento possam aprender música, que se multipliquem os pianos. O ideal é que toda a gente possa estar à vontade na sua casa. Em suma, que tenhas um interior tal que nos sintamos lá à vontade."*

Padre Varillon (A mensagem de Jesus)

## **B – TEMA DE ESTUDO**

### ***I. Deus Criador e Senhor de tudo***

### ***II. O direito de propriedade***

1. Retrospectiva histórica
2. Dois aspectos do direito de propriedade
  - a. O direito de propriedade é um direito natural
  - b. O destino universal dos bens é prioritário
3. O papel do Estado

### ***III. Os deveres ligados à propriedade: o uso dos bens***

1. Os diferentes usos dos bens
  - a. Guardá-los para si
  - b. Reparti-los com os outros
  - c. Renová-los
2. O problema do desenvolvimento económico
3. O caso particular dos meios de produção

### ***IV. Os limites do direito de propriedade***

1. Os mecanismos de regulação
2. A protecção do ambiente
3. A condução da evolução

Deus é Criador e Senhor de tudo. A missão que Deus confia ao homem – gerir a criação – inscreve-se nesta única perspectiva.

## I. Deus Criador e Senhor de tudo

O texto do Génesis recorda-nos sem ambiguidade: tudo o que recebemos vem de Deus. Deus é, à partida, o único "proprietário". Desde a criação do mundo, Deus confia toda a terra ao homem, à excepção da árvore do conhecimento do bem e do mal. No dia da criação do homem, ao sexto dia, o Génesis entrega-nos o testamento de Deus: «*Deus criou o ser humano à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. Abençoando-os, Deus disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra*» (Gn 1, 27-28).

Nós recebemos, pela Criação, este dom imenso de Deus, glorificado pelo facto de nos querer à Sua imagem, dando-nos a liberdade de pensar e escolher (Ecli. 16,24 a 17,14).

Ao longo de todo o Antigo Testamento, Deus está presente e é "Senhor de tudo" nas suas relações com os homens: Abraão e Isaac (Gn 22,1), Moisés, etc. Os salmos assim o cantam: Salmo 24,1: «*Ao Senhor pertence a terra e o que nela existe, o mundo inteiro e os que nele habitam; pois Ele a fundou sobre os mares e a consolidou sobre os abismos.*»

No Novo Testamento, S. Paulo exprime-se igualmente "Tudo o que sou, sou-o pela graça de Deus". E especialmente na Epístola aos Coríntios: (1Co 4,7) "Pois, quem é que te faz superior? Que tens tu que não hajas recebido? E se recebeste, porque te glorias como se o não tivesses recebido?"

Os filhos também são dons de Deus: No momento da cerimónia do Baptismo, os pais agradecem a Deus ter-lhes dado um filho e vêm junto do seu Criador pedindo-Lhe que o acolha na Sua Igreja. Tornando membro da Igreja, o baptizado já não pertence a si próprio, nem aos pais, mas Àquele que morreu e ressuscitou por nós. Do mesmo modo, o monge escolhe a pobreza e entrega a Deus tudo o que possui por ocasião dos seus votos monásticos.

Escutemos S. Paulo (1Cor 6,19): "Não sabeis, porventura, que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, que recebestes de Deus e que não vos pertenceis a vós mesmos?"

O homem, que Deus quis criar à sua imagem, tem sempre responsabilidade sobre o mundo. Ele é concretamente seu depositário e seu gerente. A este título, está habilitado a praticar o "direito de propriedade".

## II. O direito de propriedade

O direito de propriedade coloca-nos um problema duplo: o da relação do homem com os bens materiais e o da solidariedade entre os homens. Para um cristão, a questão é de saber se há legitimidade em ser proprietário – parábola do “*jovem rico*” (Mt 19,16-30).

### **1. Retrospectiva histórica**

Uma breve retrospectiva histórica não é inútil.

O Antigo Testamento reconhece o direito de propriedade. A seguir à Criação do Mundo por Deus, a noção de propriedade apareceu muito depressa e de uma forma muito explícita.

O Decálogo convida-nos a sermos felizes sobre a terra que o Senhor nos destina, a não cobiçar a casa do próximo, nem nada do que lhe pertence (Dt 5,16-21).

Convida-nos a respeitar o outro: *“Não alterarás os limites do teu vizinho demarcados pelos teus predecessores na herança que te couber na terra que o Senhor, teu Deus, te há-de dar”* (Dt 19,14).

Progressivamente, a propriedade aparece com a evolução do mundo e a organização das comunidades humanas (fim do nomadismo, sedentarização).

Na Grécia, o carácter colectivo da propriedade passa a individual a partir da Época Romana e desenvolve-se progressivamente até se estabelecer em direito absoluto e inalienável na “*Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*” de 1789, no art. 17º: *“Sendo a propriedade um direito inviolável e sagrado, ninguém pode ser privado dela, a não ser que a necessidade pública, legalmente constatada, o exija.”*

Em França, esta concepção foi ratificada pelo Código Napoleónico art. 544: *“A propriedade é o direito de usufruir e de dispor das coisas da forma mais absoluta desde que não se faça uso proibido pelas leis e pelos regulamentos.”*

O século XIX marca o retorno a uma aproximação mais colectiva da propriedade: nacionalizações, regime de arrendamentos, estabelecimento do direito de sucessão e a instauração do regime de sociedades anónimas, dissociando a propriedade da sua gestão.

## **2. Dois aspectos do direito de propriedade**

Afinal, o direito de propriedade assume dois aspectos:

### **a. O direito de propriedade é um direito natural**

O direito de propriedade foi fundado sobre a natureza do homem. S. Tomás torna clara a legitimidade deste direito natural no poder gerir e dispor dos bens.

É um direito lícito e necessário ao homem e à sociedade por três razões:

- ❑ Preocupamo-nos mais com o que é nosso do que com o que é comum (a experiência mostra que se deixa para os outros o cuidado do bem comum).
- ❑ As coisas fazem-se melhor, quando cada um tem a responsabilidade daquilo que é seu. Se todos se ocupassem de tudo, o risco de confusão seria grande.
- ❑ É mais favorável à paz entre os homens porque cada um se contenta com a sua parte. Nos casos de propriedade comum e da indivisibilidade da propriedade, surgem muitas vezes fricções.

(Suma Teológica, II-IIae)

Se a propriedade e o uso privado dos bens são legítimos, este uso não se pode entender senão para benefício de todos. É o princípio da administração: o homem é administrador dos bens que recebeu.

### **b. O destino universal dos bens é prioritário**

A propriedade privada é um direito natural das pessoas, mas constitui um "*direito secundário*" em relação ao princípio soberano do destino universal dos bens. Assim, S. Tomás diz: "*Na necessidade extrema, tudo é comum, quer dizer, para partilhar*". Estas exortações reflectem a posição da Igreja, particularmente em "Gaudium et Spes" (n.º 69, parágrafo 1): "*Deus destinou a terra e tudo o que ela contém para uso dos homens e de todos os povos, de sorte que os bens da criação devem afluir às mãos de todos, equitativamente, segundo as regras da justiça, inseparável da cari-*

*dade. Quaisquer que sejam as formas de propriedade, adaptadas às legítimas instituições dos povos, segundo as circunstâncias e variáveis diversas, deve-se ter sempre em conta este destino universal dos bens."*

Como resultado do destino universal dos bens o homem deve, por um lado, fazer frutificar os bens que recebeu, por outro, ter em conta que o uso dos bens tem limites. Assim, na Encíclica "Quadragesimo Anno", podemos ler: "*O direito de propriedade não deve confundir-se com o seu uso. Os proprietários têm obrigação de fazer sempre uma aplicação honesta dos seus bens.*"

### **3. O papel do Estado**

Os excessos do estatismo (monarquias do antigo regime, comunismo) levaram ao desejo de defender e de exaltar os direitos da pessoa.

*"Um mundo onde o mecanismo social seria tão perfeito que a cada necessidade do homem responderia uma instituição que, em cada momento, lhe retirasse a escolha entre o bem e o mal, conduziria ao automatismo, à facilidade, à morte" (E. Mounier).*

A propriedade privada apareceu como o meio natural para o homem exercer a sua soberania sobre os bens tal como Deus o quis. Isto não exclui que a propriedade pública possa ser legitimada, particularmente nos casos em que uma propriedade privada de certos bens ou de certos sectores se verifica prejudicial ou pouco eficaz. Aliás a doutrina católica admite-o: "*Há certas categorias de bens pelas quais se pode sustentar com razão que devem ficar reservados à colectividade, quando isso confira um poder económico tal que não pode, sem perigo para o bem comum, ser deixado nas mãos de pessoas privadas.*" (Pio XI – "Quadragesimo Anno", n.º 123).

### **III. Os deveres ligados à propriedade: o uso dos bens**

A questão está em responder à aparente contradição entre o gozo pessoal dum bem (que se reconhece como legítimo) e o seu destino universal (que se reconhece como necessário). É na gestão desta contradição

e na escolha que faz do uso dos seus bens que o homem deve exprimir, enquanto cristão, o seu livre arbítrio e a sua capacidade de iniciativa.

## **1. Os diferentes usos dos bens**

A responsabilidade do proprietário é ter a consciência do seu papel de administrador face a uma possessão que lhe vem de Deus. Tem o dever de fazer dela bom uso, com um cuidado permanente pelo respeito pelo seu próximo e na exigência de solidariedade, pois que a finalidade dos bens é universal. Isto supõe da sua parte um desprendimento interior e uma ausência de possessão dos bens por si ou de projecção de si na coisa possuída. A utilização dos bens pode ser múltipla:

- ❑ Guardá-los para si
- ❑ Partilhá-los com os outros
- ❑ Renová-los

Estas diferentes utilizações não se excluem, necessariamente, umas às outras.

### **a. Guardá-los para si**

O interesse da família está em primeiro lugar. É o que exprime Pio XII numa mensagem chamada "*Mater et Magistra*", n.º 45: "*A propriedade privada dos bens materiais deve ser considerada como um meio capaz de assegurar ao pai de família a única liberdade de que tem necessidade para poder cumprir os deveres que o Criador lhe destinou para o bem-estar físico, espiritual e religioso da família.*" Mesmo não sendo uma consequência necessária ou automática, dela decorre a possibilidade de legar uma herança aos seus filhos. Sobre o que é preciso para prover às necessidades da sua família, a escolha de um cristão deve fazer-se à luz da distinção entre o necessário e o supérfluo. Esta reflexão é desenvolvida num capítulo particular.

### **b. Partilhá-los com os outros**

A doutrina do uso comum dos bens leva a que aquele que os possui os ponha à disposição daqueles que têm necessidades deles. Este "*pôr à disposição*" diz respeito a todos os bens existentes: dinheiro, tempo, afeição. Pode tomar formas múltiplas: dádivas, empréstimos, perdão de dívidas... pode também revestir a forma de um "*investimento*" para o

futuro por uma mobilização das riquezas existentes ao serviço de uma causa ou de uma "empresa" que tenha como objectivo fazer frutificar estas riquezas.

### **c. Renová-los**

É esta a questão fundamental posta pelo princípio do destino universal dos bens, sustentada pelas palavras do Génesis "*Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra.*" Este princípio é renovado no Evangelho pela parábola dos talentos, mas também em S. Marcos (Mc 4,25): «*Pois àquele que tem, será dado; e ao que não tem, mesmo aquilo que tem lhe será tirado.*»

Relembremos a Parábola dos Talentos: aquele que recebeu cinco talentos e que os investiu tem a maior recompensa; aquele que apenas recebeu um, e que medrosamente o enterrou na terra, é severamente punido.

## **2. O problema do desenvolvimento económico**

A reflexão sobre o desenvolvimento está no centro desta problemática:

- ❑ É necessário pôr o acento na partilha das riquezas, criando taxas aos países ricos com o risco de dar a ideia, mais ou menos clara, de se mitigarem os resultados sem se terem resolvido os problemas de fundo?
- ❑ Ou é mais eficaz e mais digno ajudar os países pobres nas políticas prolongadas de formação e na transferência de actividades, sabendo que o caminho será longo e incerto?

A resposta não é binária, com certeza. As duas orientações devem ser seguidas. Mas é claro, também que o futuro dos países pobres passa por uma maior responsabilização: "*Ajuda, e serás ajudado*" ou ainda "*Se o teu irmão tem fome, em vez de lhe dares um peixe, ensina-o a pescar*". A responsabilidade dos países ricos não é apenas dar, mas assegurar que o que é dado frutifique. A experiência mostra que os países comprometidos nesta via têm muitas vezes taxas de crescimento superior às dos países mais ricos.



O significado evangélico das palavras “riqueza” e “pobreza” tomam, nestas condições, uma nova clarividência: o rico torna-se naquele que entesoura, que enterra o seu talento na terra; o pobre é aquele que faz frutificar o que recebeu, aquele que enfrenta os riscos.

A reflexão não salienta o verbo ter, mas o verbo ser: “*É preciso ser pobre, não se trata aqui de "ter", mas de "ser". Quando o Papa atribuiu as culpas à sociedade de consumo, ele tem razão: não em nome do ter, mas do ser*” (Xavier Emmanuelli).

### **3. O caso particular dos meios de produção**

Uma questão importante – estudada em todas as encíclicas sociais – decorre desta percepção da riqueza e da pobreza: é a da propriedade dos meios de produção, quer sejam industriais, quer agrícolas. Com efeito, a riqueza denunciada pelo Evangelho evidencia-se mais no entesouramento, no “*pé-de-meia*”, qualquer que seja o montante nos celeiros cheios, no consumo individual, no conforto, na ausência de riscos... e o bom uso dos bens evidencia-se no investimento, na circulação de dinheiro, no desenvolvimento, no risco, tendo como principal ponto de vista fazer frutificar o mundo que Deus confiou ao homem.

A Igreja tem sido sempre muito clara neste ponto:

*“O direito de propriedade, mesmo dos meios de produção, tem valor permanente, porque é um direito natural, que se funda na prioridade ontológica e teleológica dos indivíduos na sociedade. Todavia, seria inútil reivindicar a iniciativa e a autonomia individuais em matéria económica, se esta iniciativa, a livre disposição dos meios indispensáveis à sua afirmação, não fosse reconhecida. Além do mais, a história e a experiência provam que, sob os regimes políticos que não reconhecem o direito de propriedade dos meios de produção, as expressões fundamentais da liberdade são reprimidas e sufocadas. É, por conseguinte, legítimo concluir que elas encontram neste caminho a garantia e o estímulo”* (Mater et Magistra, 385).

A dificuldade encontra-se na contradição aparente entre o usufruto privado dum bem que a Igreja reconhece como um direito de todos os homens e a sua utilização por todos, o seu destino universal. Isto é particularmente verdade para os bens económicos, para uma empresa, para um

patrimônio, para uma terra agrícola cujo proprietário tem também por missão fazer frutificar.

A resposta está no uso reflectido dos bens:

- ❑ Por um lado, ter na ideia o bem da comunidade: uma empresa não tem sentido se não criar novas riquezas. Ela não é nada se viver à custa da comunidade ou se não existe senão por meios desonestos.
- ❑ Por outro lado, não perder de vista a finalidade da economia: a satisfação das necessidades de todos os homens. Em "*Laborem Exercens*", João Paulo II é claro: a propriedade adquire-se acima de tudo para o trabalho e para servir o trabalho. Isto diz respeito, principalmente, à propriedade dos meios de produção.

## **IV. Limites do direito de propriedade**

### ***1. Os mecanismos da regulação***

O direito de propriedade não é absoluto: a lei ou o mercado criam mecanismos de regulação.

O mundo ocidental viu, no decorrer dos tempos, a abolição da escravatura, a regulação do comércio, a eclosão e a regulação dos mercados financeiros, a aparição de regras fiscais, regulando a propriedade do capital e dos meios de produção, a eclosão de leis "*antitrust*", as regras da concorrência, o abuso da posição dominante, etc.

O Catecismo da Igreja Católica retoma esta exigência da temperança:

*"Os bens de produção materiais ou imateriais, como as terras ou as fábricas, as competências ou as artes, requerem a atenção dos seus possuidores para que a sua fecundidade resulte ao máximo. Os detentores dos bens de uso e de consumo devem usá-los com temperança, reservando a melhor parte para o hóspede, o doente, o pobre."*

Marguerite Hoppenot diz-nos a mesma coisa:

*"Aprendamos que todo o poder, todo o domínio, todo o privilégio, quaisquer que sejam, trazem um contrapeso de exigência e de responsabilidade e não têm outro sentido que não seja para o serviço."*

## **2. A protecção do ambiente**

A protecção do ambiente põe-nos hoje questões irredutíveis: tem-se o direito de avassalar a natureza para fazer render o seu capital?

*"O amanhã da terra não pode esquecer, no futuro, a questão ecológica. A exploração selvagem dos recursos do mundo volta-se facilmente contra os homens. Os efeitos perversos das conquistas técnicas ameaçam os ecossistemas. É preciso inventarmos juntos as vias e os meios de exercer as virtudes de força e de temperança social para regular com moderação e sabedoria o uso colectivo dos bens da terra"* (Catecismo para adultos).

O respeito pela integridade da criação: *"O sétimo mandamento exige o respeito da integridade da criação. A dominação acordada pelo Criador ao homem sobre os seres inanimados e os outros viventes não é absoluta: ela é medida pelo cuidado da qualidade da vida do próximo, incluindo as gerações futuras; ela exige um respeito religioso da integridade da criação"* (Catecismo da Igreja Católica).

Os textos não têm ambiguidade: a terra é um património comum da humanidade, por essa razão, o homem tem uma responsabilidade essencial sobre o futuro do nosso universo.

A escolha que se é levado a fazer deve ser inspirada por esta exigência, particularmente nos casos seguintes:

- ❑ Arbitragem entre uma protecção legítima do ambiente e o desenvolvimento económico, onde a implantação de uma nova indústria conduz à perturbação do ecossistema do lugar, ao destabilizar um equilíbrio ecológico antigo e até mesmo à deslocação de populações em nome do desenvolvimento.
- ❑ Risco de ruptura ecológica considerável em consequência de uma preocupação louvável de estender zonas de cultura para lutar contra a fome (ex: Indonésia, Amazónia).

## **3. A condução da evolução**

O mais grave é o debate moral de fundo sobre a reprodução do idêntico da natureza, sem medir as consequências (por exemplo, a prática

da clonagem, como o caso da ovelha Dolly): pode-se e deve-se, em nome do progresso e do respeito pela propriedade individual, incluída a intelectual, deixar fazer, até encorajar, uma tal evolução?

As respostas a todas estas questões (principalmente a última) não são simples, mas isso não é razão para as iludirmos. Só uma reflexão consciente, esclarecida sobre os direitos e deveres do Homem pode permitir avançar sobre as decisões a tomar.

### **C. PISTAS PARA REFLEXÃO**

1. A propriedade dá-nos todos os direitos? A colectividade tem o direito de os limitar?
2. Se a pobreza implica o despojamento de si, como pode conciliar-se a posse de bens materiais e uma atitude de pobreza?
3. De que estamos dispostos a abdicar hoje?
4. O que significa concretamente para mim, para a minha família, na minha vida profissional, o facto de eu não ser mais do que um administrador dos bens, mesmo quando acredito ser possuidor?

### O NECESSÁRIO E O SUPÉRFLUO

#### A – TEXTO DE MEDITAÇÃO

(Este texto deve ser utilizado na oração da reunião)

Estando Jesus sentado em frente da arca do Tesouro, observava como a multidão nela deitava as moedas. Muitos ricos ali depositavam bastante. Veio, porém, uma pobre viúva e deitou duas moedinhas, isto é, um quadrante. Chamando os discípulos, disse-lhes: *"Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais no tesouro do que todos os outros, porque todos deitaram do que lhes sobrava, mas ela, da sua pobreza, deitou tudo quanto possuía, todo o seu sustento."*

(Mc 12,41-44)

À imagem de Jesus diante da viúva, todo o pensamento da Igreja toma uma posição bastante radical sobre o uso do supérfluo: não pode ser mantido.

Assim, Santo Agostinho, comentando o salmo 147,12, diz:

*"O supérfluo do rico é o necessário do pobre. Portanto, possuir o supérfluo é possuir o bem de outrem."*

S. Tomás de Aquino, citando Lucas 11,31 (Suma Teológica, II-IIae), diz:

*"O dízimo que, no Antigo Testamento, os ricos deviam servir para os pobres, aumentou no Novo Testamento; neste sentido, o Senhor ordena-nos que lhes dêmos não apenas um dízimo, mas tudo o que para nós é supérfluo: Dai... em esmola o que tendes."*

O Papa Leão XIII diz:

*"Desde que se tenha acordado o que é a necessidade e a conveniência, é um dever entregar o supérfluo aos pobres"* (Leão XIII, Encíclica *Rerum Novarum*).

O que vale para as relações individuais vale também para o domínio das relações económicas:

*“O supérfluo dos países ricos deve servir para os países pobres. A regra que valia antigamente a favor dos mais próximos, deve aplicar-se hoje à totalidade dos necessitados do mundo” (Paulo VI, Encíclica *Populorum Progressio*, nº49).*

Assim, não basta dar. É preciso também que este gesto seja refletido. Não somos chamados a dar “*esmolas*” traduzidas em doações sem consequências, somos chamados a separarmo-nos daquilo que nos é verdadeiramente útil para viver.

Uma tal exortação coloca-nos face a uma dupla escolha:

- ❑ A da fronteira entre o que é necessário e o que não o é.
- ❑ A do sentido e da importância do supérfluo.

Ela obriga-nos a responder a isso, integrando a resposta, por um lado, no apelo à ascese à qual nos convida o Evangelho, por outro lado, no dever que temos em fazer frutificar os nossos talentos na preocupação pelo desenvolvimento do mundo.

## **B – TEMA DE ESTUDO**

### ***I. Tudo o que não é necessário é supérfluo?***

1. O necessário
2. Reconhecer o necessário, um dever de justiça
3. Para além do mínimo: o supérfluo?

### ***II. O supérfluo inútil***

### ***III. Para cada um o necessário e o supérfluo***

# **I. Tudo o que não é necessário é supérfluo?**

## ***1. O necessário***

Considera-se necessário o mínimo vital. Para viver, um homem tem necessidade de ter condições:

- ❑ Materiais: comer, dormir, cuidar da sua apresentação;
- ❑ Humanas: ser reconhecido na sua dignidade humana;
- ❑ Afectivas: amar e ser amado;
- ❑ Político-sociais: poder pensar, reflectir, formar-se, circular.

Estas exigências formam o necessário. A cadeia de necessidades de Maslow poderia igualmente servir-nos de medida para as necessidades vitais.

## ***2. Reconhecer o necessário, um dever de justiça***

Assegurar a todos os homens o direito de viver na dignidade é um dever para todo o cristão. A fome, a violência, a guerra, o desemprego, a condição das crianças ou das mulheres em certos países, a doença, a iliteracia, a interdição da liberdade religiosa... são outras tantas situações inaceitáveis e que o cristão deve combater.

O caminho a percorrer é longo e cheio de ciladas. Mas não deixa, por isso, de ser um dever. Um cristão não pode conformar-se em ver o seu próximo, ou menos próximo, a viver em condições miseráveis. A este título, e como tudo o que toca à condição humana, este dever tem de ser exigente e perturbador:

- ❑ Frente a si próprio, pois que coloca questões sobre a maneira de viver, sobre as atitudes e comportamentos a ter com aqueles que não possuem o mínimo para viver.
- ❑ Sobre o mundo que nos rodeia e que somos convidados a olhar e a compreender – a indiferença ou a política da avestruz não são atitudes do cristão responsável – e, por vezes, a denunciar.

É a isto que pode conduzir, nos casos onde as violações dos direitos das pessoas ou dos povos são achincalhados, a incentivar o direito de ingerência em outros Estados. É muito elucidativo o exemplo das populações reféns pela violência ou pela fome, por razões mais ou menos obscu-

ras das rivalidades entre facções opostas. Mesmo que os meios de intervenção não sejam de fácil definição e mesmo que os limites destas intervenções não possam ser ignorados, seria incompreensível que a comunidade dos homens ficasse impassível ou sem voz face a estes infortúnios.

### **3. Para além do mínimo: o supérfluo?**

A forma interrogativa não é uma fuga à realidade. Reflecte simplesmente a dificuldade de situar a questão, ou tudo o que é possuído ou utilizado torna-se insignificante ao ponto de se transformar em muito, ou tudo o que se acrescenta não tem utilidade, a não ser o ter pelo ter, ou para adquirir categoria social, ou, numa palavra, **o necessário torna-se supérfluo.**

É, no fundo, um problema de zona "*cinzenta*" aquela que separa o que é, claramente, o mínimo vital do que é agradável e "*divertido*" no sentido filosófico, mas não indispensável, até mesmo excessivo. Tudo depende do ponto de vista em que se situa a fronteira entre os dois. Aparentemente simples – não há uma resposta comum, cada um define a sua própria fronteira em função da sua história pessoal – a resposta necessita de uma reflexão mais profunda.

O supérfluo não é somente "*a pequena gota de água que faz transbordar o vaso cheio*" do qual fala o Padre Lataste. Não é só esta zona extrema, à margem, que todos nós temos e que não conta verdadeiramente nas nossas vidas e que deveria desaparecer: é a pequena gulodice, o colar a mais, a bela pintura do carro. Custar-nos-ia muito privarmo-nos disso, mas o nosso modo de vida não seria posto em causa. Pode viver-se provavelmente sem colar, sem deixarmos de ser nós próprios!

A delimitação da fronteira, a que separa o supérfluo do necessário coloca-nos no centro de uma reflexão quase existencial que é a do sentido a dar à nossa vida. É o que S. João Bosco nos quis dizer: "*todos os bens, todas as riquezas nos foram dadas por Deus, mas deixou-nos a liberdade de escolhermos para nós tudo o que é necessário, nada mais!*". Cabe-nos a nós fazer esta escolha de vida.

## **II. O supérfluo inútil?**

A procura do supérfluo deve também ser posta em perspectiva.

"*O supérfluo, coisa tão necessária*" – pôde dizer Voltaire. Para lá da palavra espirituosa com resquícios frívolos – o manuseio dos paradoxos e o



gosto pela provocação não eram, sem dúvida, os menores dos seus talentos – há, talvez, nesta reflexão, uma ideia a reter: a dimensão do espaço e do tempo. Uma ocupação, uma despesa, um projecto podem parecer, num momento, inúteis no sentido do mínimo vital e, no entanto, revelarem-se no fim como uma fonte de progresso ou de benefícios.

À escala individual, será, por exemplo, fazer férias, descansar. Ninguém, hoje, contesta essa necessidade. Não é certo que sempre tenha sido assim, nem mesmo que o seja também em todo o mundo.

À escala de uma nação, será lançar um grande projecto, uma aventura colectiva, cujos investimentos são prematuros mais ou menos a longo prazo, com incidência em importantes técnicas, comerciais ou industriais, que beneficiarão directa ou indirectamente toda a comunidade.

A conquista espacial é, neste ponto de vista, um bom exemplo: fez progredir, de um modo espectacular, os conhecimentos tecnológicos e científicos, contribuiu para acelerar os meios técnicos de comunicação e, todavia, a fome no mundo não desapareceu. Seria então melhor não lançar esta empresa?

Do ponto de vista económico, a percepção do supérfluo merece ser olhada de uma forma ainda mais cautelosa. Ter rendimentos elevados, largamente superiores ao mínimo vital será assim tão repreensível sob o ponto de vista do dever de justiça?

A resposta não contém largamente o uso que se faz deles? Numa primeira análise podem, justamente, ser considerados supérfluos – eles são excessivos – mas que dizer se eles se demonstrarem um meio eficaz para relançar a actividade económica, graças à poupança que eles permitem, aos investimentos que eles geram e aos fluxos que eles alimentam?

Parece, nesta situação, que o mais importante é a nossa capacidade de ter um olhar justo e lúcido, à luz das nossas exigências.

Fechar os olhos, não nos interrogarmos sobre certos comportamentos, ignorarmos uma reflexão de fundo sobre o que nos é indispensável para dar sentido à nossa vida e sobre o que constitui o motor da actividade humana, seriam contrários às exigências evangélicas.

Saibamos fazer prova de discernimento para compreender onde começa nas nossas vidas e no nosso mundo este supérfluo, que se confunde com inutilidade, destruição, "*des-criação*".

Tenhamos em atenção que:

- Se a fronteira que separa o necessário do supérfluo não pode ser a mesma para todo o mundo, cada um é chamado, onde quer que esteja, a procurar a sua fronteira e a tirar disso as consequências para a sua vida.

- ❑ A percepção do supérfluo evolui com o decorrer do tempo. A evolução da espécie humana lembra-nos especialmente que o mínimo vital já não é o mesmo hoje que ontem e não será verdadeiramente o mesmo amanhã.
- ❑ É essencial reflectir, tendo em mente as finalidades da existência e da utilização das riquezas a longo prazo. Se é verdade que certas situações de desigualdade não são justificáveis, também não é menos verdade que a existência de riquezas para além do necessário pode constituir factor de entusiasmo poderoso quando são utilizadas para criar novas riquezas. Visto sob este ângulo, o problema deixa de ser do nível excessivo, mas do seu uso.

Só uma boa dose de humildade nesta reflexão tão complexa pode ajudar-nos a evitar interpretações erróneas!

### **III. Para cada um o necessário e o supérfluo**

Então Jesus, olhando em volta, disse aos discípulos: *"Quão dificilmente entrarão no Reino de Deus os que têm riquezas!"* Os discípulos ficaram estupefactos com as Suas palavras. Mas Jesus prosseguiu: *«Filhinhos, quão difícil é entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus»*. Eles admiraram-se ainda mais e diziam uns aos outros: *"Quem pode então salvar-se?"* Fitando neles o olhar, Jesus respondeu-lhes: *"Aos homens é impossível, mas a Deus não, pois a Deus tudo é possível!"* (Mc 10,23-27).

O Padre Varillon ilustrou, à sua maneira, este desafio dirigido a cada um de nós:

*"Tomemos duas pessoas que têm ambas aproximadamente a mesma situação, uma bela situação, o mesmo número de filhos, as mesmas despesas com a escolaridade, representação... Uma delas diz-me: «O Padre sabe que a minha situação mo permite. Se tem obras a fazer, eu posso dispensar 100.000 francos sem qualquer dificuldade.» A outra dir-me-á: «Sabe, hoje a vida está de tal modo difícil, tudo está de tal modo caro...»*

*Elas têm a mesma situação, mas uma ouve o Espírito Santo, a outra não..."*

A pobreza é o desafogo honesto. O conceito é muito largo. Que incluir neste desafogo? As distrações, por exemplo, porque isso faz parte da vida. Distrair-se é uma necessidade da vida. E tudo o que é de ordem cultural: os livros, os discos, as viagens, tudo isso custa caro.

"*A pobreza é o princípio de toda a alegria*" como dizia Proudhon, dito de outra forma, é a libertação de falsos valores. O grande perigo da riqueza é acabar por se optar por valores que não são os autênticos.

Vivermos subjugados por valores que não são autênticos é, sem dúvida, o sinal da incapacidade de escolher entre o necessário e o supérfluo. Deixamo-nos levar pelo efémero, o superficial, a aparência.

Esta questão remete o cristão para o juízo final, dia em que cada um de nós deverá prestar contas das suas obras e atitudes. As escolhas, feitas ou não durante a vida na terra, aparecerão em plena luz. Só uma real tomada de consciência da sua própria situação, da sua própria vocação, da sua relação com os bens deste mundo pode ajudar-nos a determinar, em consciência, o necessário e o supérfluo necessários ao desenvolvimento das nossas vidas e do mundo.

O Evangelho de Marta e de Maria é sobre este ponto esclarecedor, pois que o que é entendido ser necessário por Marta não o é por Maria e reciprocamente, respondendo, assim, cada uma à sua maneira, às expectativas de Cristo:

*"Ela escolheu a melhor parte, não lhe será tirada..."*

Do mesmo modo, a parábola dos operários da décima hora é difícil de compreender, principalmente, perante a ideia que nós fazemos de justiça. Mas Cristo não quis colocar-nos face a nós próprios, como na parábola dos talentos: para que serve a interrogação sobre esta concepção de justiça, quando a cada um foi dado o que lhe fora prometido? O caso do irmão do filho pródigo é igualmente desconcertante: porque não tratá-lo melhor, já que ele se manteve e foi sempre fiel?

Todos estes ensinamentos, que muitas vezes chocam o nosso senso comum, não são destinados a abrir-nos os olhos sobre o que Deus tem para cada um de nós, mas é um olhar particularmente feito de atenções e de expectativas próprias de cada um.

A situação do vizinho não nos deve importar muito a não ser para desencadear em nós um eventual reflexo de caridade, mas em caso algum para dela tirarmos elementos de comparação, uma qualquer satisfação farisaica, ou um sentimento de inveja.

Tudo isto deve concentrar-nos na ideia de reflectir na nossa vocação e de analisar o que daí decorre. Que podemos nós dar?

- ❑ **Tempo:** Para um Padre é a sua vida inteira. Para um leigo, pode ser o encargo dum tempo consagrado aos outros (filhos, pais, paróquia, desfavorecidos...). Para todos é o tempo que se consagra à oração e à prática religiosa...
- ❑ **Atenção:** escutar, estar atento.
- ❑ **Dinheiro:** a caridade cristã o ordena. *"Eu tive fome e vós não me destes de comer, tive frio e não me vestistes."* O primeiro dever passa pelos impostos, mas não nos privemos das doações voluntárias: *"O que derdes, Deus vo-lo retribuirá em cêntuplo."*

**João Paulo II exorta-nos a não termos medo.** Não sejamos demasiado prudentes nas nossas reflexões sobre o supérfluo: o entusiasmo, o risco são bem sinais de pobreza.

## C – PISTAS DE REFLEXÃO

1. Reflectamos sobre a fronteira entre o necessário e o supérfluo nas nossas vidas de cristãos: Temos a certeza de conhecer essa fronteira?
2. Arranjamos tempo para escolher o nosso necessário? Se sim, que decidimos fazer, que se passou nas nossas vidas?
3. Regra de vida: tomemos um exemplo de supérfluo e tentemos desembaraçarmo-nos dele.

**A IMPORTÂNCIA DO ESPÍRITO DE POBREZA EVANGÉLICA**

**A – TEXTO DE MEDITAÇÃO**

(Este texto deve servir como oração para a reunião)

*Queres ser,  
então perdoa.  
Tens que te livrar, primeiro,  
do excesso de ter,  
que te enche de tal maneira  
- da cabeça aos pés –  
que não resta espaço  
para ti mesmo  
e ainda menos para Deus.*

***Dar tudo o que se tem,**  
dar tudo o que se é  
dar-se sempre  
sem jamais acabar de dar-se  
é a lição profunda de alegria e de paz  
que aos amigos da terra  
dão e darão para todo o sempre  
os três Amigos incomparáveis  
que se consomem na unidade!*

*Trabalha-nos, Senhor.*

*D. Hélder da Câmara*

## B – TEMA DE ESTUDO

Como alimentar todos os anos mais 50 a 60 milhões de homens?

A questão pode surpreender-nos. No entanto, ela resume bem o desafio com que somos confrontados para melhorar o estado do mundo e cumprir bem a missão que nos foi confiada pelo Criador.

Como sair desta situação, se não sabemos integrar dignamente, cada ano, estes novos elementos acabados de chegar?

Como acreditar que o progresso, esta "*ideia nova*" do último século, ou o desenvolvimento, esta acepção mais vasta da mesma ideia, e que têm ambas desiludido tanto, podem ainda servir-nos?

Como pensar o desenvolvimento do mundo neste início de milénio?

Muito tem sido dito sobre o espírito de pobreza evangélica e sobre as exigências que se impõem:

- ❑ Dever de justiça e caridade
- ❑ Apelo ao desenvolvimento dos talentos
- ❑ Discernimento na utilização dos bens deste mundo.

Mas uma questão central permanece no final desta reflexão: como tirar partido **da importância do espírito de Pobreza Evangélica** e em que pode ele constituir uma chave privilegiada para compreendermos o mundo e para o transformarmos?

Antes de mais, é preciso tentar clarificar dois pontos:

### 1. De que mundo falamos?

Tentando esboçar rapidamente um quadro, poderemos dizer que esse mundo está:

- ❑ Comprometido numa transformação cada vez mais rápida sob o efeito da mundialização das mudanças e das inovações técnicas.

- ❑ Confrontado com desequilíbrios de todas as ordens: demográficas, culturais, económicas, sociais e políticas.
- ❑ Cada vez mais interdependente e "global"
- ❑ À procura de sentido e objectivos
- ❑ Capaz do melhor e do pior.

"*Deus morreu*", talvez, mas o homem não O substituiu e corre sempre atrás da felicidade e da prosperidade.

É neste contexto que se inscreve a mensagem evangélica da pobreza: um mundo dilacerado, frágil, mas rico de potencialidades.

## 2. Em que é que a mensagem evangélica da pobreza é actual?

A resposta contém provavelmente poucas palavras: responsabilidade de cada um de nós, actores de parte inteira, na evolução do mundo.

É inacreditável que isto se dirija a todos sem distinção: ricos, pobres, doentes, homens, mulheres, jovens, menos jovens... Somos todos chamados a pormo-nos a caminho e o mundo será o que cada um de nós fizer dele.

É este enraizamento até ao mais fundo do ser, esta fé no indivíduo, que dão à mensagem evangélica a sua força inalterável que lhe tem permitido atravessar os tempos e que lhe confere, ainda hoje, a sua extraordinária modernidade para quem quer muito compreendê-la e impregnar-se dela.

Portadora de felicidade – a fé cristã inscreve-se numa perspectiva de alegria, não de tristeza – a mensagem evangélica da pobreza pode ajudar-nos a **reconciliar o material** – criar, fazer frutificar os nossos talentos – e o **espiritual** – que apela à humildade e à generosidade.

## I. A importância do espírito de pobreza evangélica

A mensagem evangélica de pobreza não é uma declaração de intenções ou uma marca de qualidade que se obteria pela aplicação escrupulosa de regras definidas antecipadamente. Também não é um código de

caminho espiritual, com os seus bons e maus momentos, suas sanções codificadas, seus agentes.

É uma moral de vida que se impõe à nossa vida pessoal e colectiva para nos ajudar a responder à nossa vocação de homens. Ela existe para nos guiar nas nossas atitudes de todos os dias e na nossa maneira de ver o mundo.

A mensagem evangélica é uma moral de compromisso e de responsabilidade.

### **1. Uma moral de compromisso**

- a. Somos chamados a testemunhar onde quer que estejamos
- b. Não há assuntos reservados ou fechados
- c. A riqueza colectiva deste compromisso vem da diversidade
- d. A abnegação e o espírito de serviço glorificado são a pedra angular

### **2. Uma moral de responsabilidade sobre:**

- a. O meio que nos rodeia: procuremos compreendê-lo e amá-lo tal como ele é
- b. Nós mesmos: procuremos agir como homens responsáveis

### ***1. Uma moral de compromisso***

A mensagem evangélica é clara: somos chamados a comprometermo-nos com o mundo para o transformarmos.

A indiferença, o "*para que serve*" não tem lugar. A aceitação, sem reflectir na evolução, também não. Ela convida-nos a participar plenamente em tudo o que se passa. O Cristão não tem vocação para ser espectador, mesmo comprometido.

Este apelo diz respeito a cada um de nós:

#### **a. Somos chamados a testemunhar onde quer que estejamos**



Não há locais privilegiados ou postos mais bem colocados que outros. Somos chamados a testemunhar onde quer que estejamos.

*"Se deves ser padeiro, sê padeiro a 100 %, é a tua maneira de dares graças a Deus".* O Evangelho de Marta e Maria ilustrava já o chamamento a cada um de nós, onde quer que estejamos e qualquer que seja a nossa situação na sociedade. Madre Teresa é disso bom exemplo.

## **b. Não há assuntos reservados ou fechados**

Quantas vezes ouvimos desabafos de impotência ou desencorajamento motivados por não nos sentirmos capazes de agir: *"Eu não posso nada, que quereis que eu faça...?"* É claro que em muitos casos não podemos interferir no decurso das coisas: conflitos, crises, tensões... Mas o muito interiorizar esta impotência, o risco de nos sentirmos afastados ou indiferentes é ainda maior. Uma tal atitude não é compatível com as exigências cristãs:

- ❑ Nós estamos habilitados, mais do que pensamos, a influenciar uma determinada situação pelo nosso comportamento, por uma palavra, por um gesto perante o próximo, um colega de trabalho, uma relação.
- ❑ Há casos em que uma tomada de consciência colectiva se nutre com reacções individuais fortemente afirmadas (posição face a um assunto social, a uma disposição legislativa ou regulamentar, a um acontecimento mediático). Os exemplos existem onde os grandes movimentos colectivos puderam modificar as orientações iniciais.
- ❑ A oração é, em todos os casos, um meio de acção em que nós podemos pedir ao Senhor a sua intercessão.

## **c. A riqueza colectiva deste compromisso vem da diversidade**

Não há vocações nobres e menos nobres, gestos importantes e menos importantes, aqueles que contam e aqueles que não contam para nada. Há um mosaico de indivíduos, todos diferentes, cada um com os seus

dons e as suas capacidades, segundo o Plano que Deus traçou para nós. Este mosaico não é nem um acaso, nem um mal. É uma probabilidade. Mas nenhuma peça pode faltar com risco de se fazer obra inacabada.

A cada um compete reflectir sobre a sua vocação e assumi-la em consciência. Os talentos não valem nada se não forem explorados ou se ficarem escondidos.

Isto supõe:

- ❑ Que seja reconhecida a superioridade do indivíduo sobre qualquer outra organização humana.
- ❑ Uma atitude de discernimento para aprender a conhecer-se com humildade e a determinar prioridades.
- ❑ O respeito pelo outro, portador como todos nós de uma vocação própria, para o ajudar a exprimi-la e a desenvolvê-la.
- ❑ A aceitação da diferença e da desigualdade de situações devidas às diferenças de trabalho, aos dons, à cultura.

#### **d. A abnegação e o espírito de serviço glorificado são a pedra angular**

Escutemos Santo Inácio de Loiola: *"Senhor Jesus, ensinai-nos a ser generosos, a servir-Vos como Vós mereceis, a dar sem conta, a combater sem medo das injúrias, a trabalhar sem procurar repouso, a despende sem esperar outra recompensa que não seja a de saber que fazemos a Vossa Santa Vontade."*

O fim não é o de esperar forçosamente um resultado imediato, tangível, mas de o inscrever na Obra Redentora do Senhor.

*"Eu creio e espero"* diz-se no início e no fim do Credo. Não se trata de nenhuma espera fatalista, sem esperança, mas da certeza que os esforços despendidos serão recompensados, um dia, na Jerusalém Celeste.

## **2. Uma moral de responsabilidade**

*"Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes. Conhecê-los-eis pelos seus frutos"* (Mt 7, 15).

Os falsos profetas de que Jesus fala são aqueles que seduzem o povo, os Fariseus, mascarando os seus pontos de vista com piedosas aparências. Para nós, cristãos, o aviso não pode ser mais claro: não se trata de tomar consciência de algumas posições de princípio ou de uma caridade orientada, mas de saber como mudar concretamente as coisas.

Isto impõe-nos uma dupla observação:

### **a. Sobre o meio que os rodeia: Procuremos compreendê-lo e amá-lo tal como ele é**

Temos, com certeza, boas razões para pensar que se todo o mundo fosse à nossa imagem ele seria melhor.

Ponhamos a render esta riqueza em vez de nos lamentarmos, nem a tomemos como pretexto ou desculpa para baixarmos os braços, mesmo se ela nos cria constrangimentos e exigências muito fortes.

Esforcemo-nos por vermos o mundo e os outros tal como eles são, com lucidez e amor, e não como queríamos que eles fossem. Isto evitar-nos-á desenganos ou desilusões.

### **b. Sobre nós mesmos: procuremos agir como homens responsáveis**

As ocasiões de escolher são permanentes na nossa vida de todos os dias: necessário/supérfluo, uso dos bens, esmola...

Agir como homem responsável implica escuta, reflexão e decisão. O campo de reflexão deve ser o mais alargado possível – é preciso saber colocar as coisas em perspectiva, com risco de não se cumprir – e honesto – ceder a facilidades não leva senão a becos sem saída.

O importante é decidir em consciência, explicar-se e, uma vez tomada a decisão, assumi-la em pleno.

## **C – PISTAS DE REFLEXÃO**

1. E tu? Que fazes na tua vida privada, na vossa vida em casal, por aqueles que sofrem?
2. Em que é que o espírito de pobreza evangélica pode ajudar-nos a melhor compreender o mundo e a contribuir para a sua transformação?
3. Que compromissos somos capazes de assumir, dentro de uma moral de responsabilidade inerente à nossa missão de casal cristão?

**O ESPÍRITO DE POBREZA EVANGÉLICA  
E O DESENVOLVIMENTO DO MUNDO**

**A – TEXTO DE MEDITAÇÃO**

(Este texto deve servir como oração para a reunião)

*"Se falo em nome de Deus e em nome dos pobres, não posso estar contra o progresso. Quando vejo tudo o que o espírito humano já inventou e fabricou para livrar o homem do frio e da fome, da miséria, da doença, do sofrimento, da ignorância, do isolamento... eu digo, é preciso continuar. Porque há ainda muita fome, miséria, doença, ignorância, solidão.*

*O homem, co-criador, tem ainda muito a fazer para aperfeiçoar a criação de acordo com a ordem que recebeu do Senhor. É preciso, ainda e sempre, sonhar e trabalhar na descoberta de todas as riquezas que não esperam senão o homem para servir a vida e tomar o seu lugar na grande messe da criação: ofertório, consagração, comunhão... Não, meus amigos, nunca recuemos perante os desafios do progresso. Não pensamos, com certeza, que a Terra seria mais bela, mais justa, mais pacífica, mais livre antes da criação do lazer, da electricidade, do vapor, da imprensa, da roda ou do fogo.*

*Tenhamos bem presente no Espírito que não há soluções verdadeiramente humanas para os problemas humanos senão por via do progresso... Mas o progresso porquê? Por que crença? Não há progresso verdadeiramente humano sem progresso da consciência moral."*

D. Hélder da Câmara

## **B – TEMA DE ESTUDO**

### **II. O espírito da pobreza evangélica ao serviço do desenvolvimento do mundo**

O desenvolvimento pode definir-se como “*a melhoria qualitativa e duradoura de uma economia e do seu funcionamento*”. É geralmente medido por dados estatísticos precisos – produto nacional, rendimento nacional... – que, na falta de serem exaustivos, têm o mérito de permitir comparações no tempo e no espaço.

Os técnicos da estatística não conseguiram ainda, apesar das pesquisas, medir a “*felicidade nacional bruta*”!

O espírito de pobreza evangélica poderá ajudar-nos a isso uma vez que se nutre de um universo tanto material como espiritual?

Este espírito mostra-se como uma arma sem igual ao serviço do desenvolvimento, porque assenta em dois pilares inalteráveis e eternos:

- Exige o melhor de cada um de nós
- Exorta-nos a “*criar e multiplicar*”

Em esquema, podemos apresentar o espírito de pobreza evangélica ao serviço do desenvolvimento do mundo como:

#### **1. Um apelo ao que cada um de nós tem de melhor**

- a. A afirmação da superioridade da iniciativa individual
- b. O estímulo à expressão de todos os talentos:
  - ❑ Formação e educação
  - ❑ Protecção à criação de actividades ou de empresas novas
  - ❑ Adaptação à evolução
- c. Uma formação dirigida para a liberdade

## **2. Uma exortação à criação de riquezas**

- a. A missão de todo o homem é fazer frutificar a terra:
  - ❑ O trabalho é um valor central
  - ❑ O enriquecimento é um padrão de medida
- b. O homem é chamado a administrar o desenvolvimento:
  - ❑ A demografia
  - ❑ A terra

## **3. Partilhar as riquezas criadas é um dever individual e colectivo**

### ***1. Um apelo ao que cada um de nós tem de melhor***

*“O que fizerdes ao mais pequeno dos meus, é a Mim que o fazeis”.*

Isto só existe no domínio da caridade onde, e sobretudo, os mais pequenos contam. A mensagem evangélica não se reduz a uma qualquer sensibilidade de piegas ou uma compaixão social. A sua força é sempre um imperativo espiritual constitutivo de um direito natural: cada homem foi criado à imagem de Deus. Ele é único e é chamado, nesta qualidade, a dar a sua contribuição para a história do mundo.

Para além de qualquer outra consideração, a supremacia do indivíduo traz consequências múltiplas:

### **a. A afirmação da superioridade de iniciativa individual**

A liberdade económica é um prolongamento da liberdade no sentido lato com a mesma qualidade que outras (liberdade de pensar, de movimentos...). Ela contribui, tal como outras formas de liberdade, para o desenvolvimento do homem.

Nenhuma construção humana, por mais legítima que seja – Estado, organizações nacionais ou supranacionais... – pode ignorar esta verdade primária e refrear as energias individuais. Cada uma delas deve, pelo

contrário, ser pensada, construída e organizada para ser um serviço de suporte e de êxito das iniciativas individuais.

## **b. O estímulo à expressão de todos os talentos**

Tudo deve ser feito para favorecer a eclosão das riquezas individuais e dos talentos de cada um. Isso implica uma escolha clara, que não é forçosamente a mais fácil, a favor de tudo o que contribui para desenvolver energias criativas à custa, se necessário, de reflexos de conservação das situações adquiridas.

Não nos enganemos: a multiplicação das iniciativas tem um lado perturbador que rompe com os hábitos e abre novos horizontes.

Não pode agradar a toda a gente. A questão não é tanto a de saber se é preciso persistir – a riqueza dos recursos individuais e os ensinamentos da história juntam-se na resposta – mas se somos suficientemente fortes para respeitar a duração da escolha ou se estamos preparados para aceitar as regras do jogo. Porque isso equivale a apostar na criatividade do indivíduo e na sua capacidade, onde quer que esteja ou de onde quer que venha, em participar na "**construção do edifício**". A parada vale a pena.

É, ainda, preciso existirem dispositivos de natureza económica, financeira, fiscal, social ou jurídica em matéria de:

### **□ Formação e educação**

As necessidades são imensas por toda a parte. O caso da alfabetização dos povos mais pobres é provavelmente o exemplo mais gritante.

### **□ Protecção à criação de actividades ou de empresas novas**

A experiência mostra que a vitalidade duma economia depende largamente da sua capacidade de fazer emergir empresas novas – as "*start up*" – e da vitalidade do seu tecido de pequenas e médias empresas.

Estamos preparados para dar oportunidade a estes empreendedores e a assumir a parte dos contratempos inevitáveis deste tipo de empreendimento?

### **□ Adaptação à evolução**



A modernização das condições de produção, quaisquer que sejam as causas – inovação técnica, mundialização... –, é a tradução mais actual e a mais árdua desta adaptação porque ela tem, por vezes, consequências dolorosas em termos de emprego. A observação dos factos é, todavia, clara: só as empresas capazes de se adaptar às novas técnicas e de se organizar de modo competitivo têm a possibilidade de se salientar.

A forma mais contestada destas evoluções é a deslocalização das actividades. A sobrevivência da empresa passa, em certos casos, por esta via. Não se pode ver também como uma oportunidade para os países de acolhimento que vêem criar-se uma actividade económica onde nada existia e um espaço de compra local? Não é ela uma maneira de redistribuição das riquezas?

Como nos posicionamos nós em relação a este desafio da modernização, como nos preparamos para isso? Somos capazes de assumir as consequências?

### **c. Uma formação dirigida para a liberdade**

O exercício de uma verdadeira liberdade é terrivelmente exigente. Cada acto, cada gesto deve ser pesado conscientemente, sabendo que dará um resultado mensurável e, portanto, susceptível de comentários ou de críticas.

Isto não depende de si. Pode ser muito mais confortável refugiar-se na irresponsabilidade! Toda a gente se pode imaginar a ganhar o jogo: uns guardam o seu poder – eles devem apenas poder justificar-se de tempos em tempos – os outros continuam a sofrer – durante este tempo pensam noutra coisa e criticam.

A realidade é outra: um homem educado e responsável é espiritual e economicamente mais forte. Não se pode esperar construir um mundo sobre aqueles que sabem e os outros. Nenhuma empresa humana teve êxito dessa forma.

Uma tal aproximação supõe uma energia constante, pois que ela incita cada um a exceder-se para criar, construir, desenvolver. É duplamente exigente: individualmente – é um dever desenvolver os seus talentos; colectivamente – é preciso aceitar que cada um tem o seu lugar.

Ela ressalta mais de um estado de espírito do que o catálogo de medidas, pois que faz apelo ao mais fundo do nosso ser e joga com a capacidade que cada um tem de se realizar nas suas obras.

## ***2. Uma exortação à criação de riquezas***

A análise da mensagem evangélica mostrou: a missão do homem sobre a terra é a de continuar a obra do Senhor.

Afirmar o carácter prioritário da criação da riqueza pode surpreender num mundo por vezes marcado pela abundância e pela penúria. Não seria mais simples repartir melhor as riquezas existentes, antes de sonhar em criar mais?

Primeiro, podemos observar que as necessidades são de tal ordem que uma simples redistribuição não seria suficiente.

Em seguida, seria esquecer que somos depositários dos bens que nos foram confiados pelo Criador.

### **a. A missão de todo o homem é fazer frutificar a terra**

Contrariamente ao que alguns pensam, não assistimos a um qualquer “*fim da história*” que poderia incitar-nos a descansar e a gerir o existente. Esta visão de risco ou de pessimismo não corresponde nem ao estado do mundo nem à vocação do homem.

O nosso mundo está ainda muito cheio de misérias e de sofrimentos para se deixar viver. Não há excessos, há, sim, insuficiências de riquezas. O seu aumento é uma urgência de todos os dias. É importante, por isso, lançar um olhar lúcido sobre nós e o nosso mundo.

Podemos, sobre este ponto, fazer duas constatações:

## □ **1ª Constatação: o trabalho é um valor central**

As nossas sociedades humanas são constituídas de modo a que o trabalho seja a via privilegiada para exercer os seus talentos. Quer seja reconhecido ou não – o caso do trabalho das mães de família em casa é, neste ponto de vista, muitas vezes e injustamente esquecido – quaisquer que sejam as condições de exercício – assalariado, profissão liberal, voluntariado... – ou a sua evolução – tempo parcial, tempo repartido, tele-trabalho... – o trabalho entendido como o exercício de uma actividade é o padrão da expressão dos talentos. O seu valor é insubstituível. A ideia de que uma sociedade poderia ser feita por aqueles que **dão** pelo seu trabalho e por aqueles que **recebem** sem trabalhar não é aceitável, nem deve ser imaginável. Ineficaz economicamente, uma tal visão seria degradante em termos de dignidade humana e fonte de tensões insuportáveis.

Várias questões se colocam a este respeito:

(1) **O contexto no qual se exerce o trabalho:** desde logo tem de inscrever-se no que é compatível com a dignidade humana (recusa da escravatura, do trabalho infantil...) e as leis em vigor, o que ressalta do livre arbítrio de cada um.

(2) **A sua remuneração:** ela deve ser justa e segura. Mas tenhamos em mente que:

- Não há ciência exacta neste domínio. Uma remuneração não pode ser apreciada senão em função do respectivo indivíduo e do contexto – seria inútil negar a existência de referências de mercado. Nos casos em que a contribuição do trabalho fornece o sucesso do projecto ou de uma empresa pode medir-se: as fórmulas podem demonstrar-se perfeitamente adaptadas aos interesses individuais ou colectivos.
- O lucro realmente disponível, depois de retiradas as remunerações, está ligado aos impostos fiscais ou sociais exis-

tentes. Ele próprio é gerador de fluxos financeiros recicláveis na economia (despesas, poupanças) e a amplitude destes fluxos, mais conhecidos dos economistas como efeito multiplicador, depende do seu montante. A responsabilidade colectiva na política dos impostos, que são lançados, fica pesadamente comprometida. Salvo se se pensar que se trata apenas de um banal problema de vasos comunicantes – isso seria desprezar as leis económicas mais elementares e as energias dos comportamentos individuais – devem ser doseados de tal maneira que seja dada prioridade à libertação dessas energias individuais. Tudo indica que um nível de impostos muito pesado penaliza inutilmente o efeito multiplicador e enfraquece o espírito da criação de riqueza.

- A remuneração é a tradução monetária do trabalho. Se cada trabalho não trouxe ao "*enriquecimento*" do mundo um valor equivalente, também não é anormal que haja remunerações diferentes. Seria uma prova de ingenuidade negá-lo – à excepção de casos particulares previstos na lei como os salários mínimos – e de ligeireza em querer impedir autoritariamente com o motivo de que os desvios seriam muito grandes. Vale mais trabalhar para que aqueles que beneficiam de remunerações elevadas tomem consciência da sua responsabilidade moral. É preferível, e seguramente mais eficaz, o desenvolvimento de sistemas fiscais interessantes ou outros para os incentivar a partilhar as suas riquezas. Permanece, no entanto, um caso: o do operário da 11ª hora. Quem é ele? E estamos nós preparados para o acolher? E como o trataremos?

(3) **Aqueles que não têm trabalho:** é claro que a sociedade não pode abandoná-los. Mas também é coerente, tendo em conta a dignidade humana e a eficácia económica, incentivar aqueles que recebem uma ajuda colectiva a tudo fazerem para tomarem lugar no mercado do trabalho, tendo mesmo que aceitar uma actividade que não seja estritamente relacionada com as suas esperanças ou as suas qualificações. Só uma tal atitude pode dar oportunidade a uma verdadeira reinserção destas populações.

## ❑ **2ª Constatção: o enriquecimento é um padrão de medida**

Toda a criação de riquezas coloca logicamente a questão do enriquecimento daquele que criou, quer seja em forma de património suplementar, dinheiro, poder ou uma outra manifestação concreta. A questão é essencial, desde que seja bem colocada.

Uma vez que se situe numa perspectiva de desenvolvimento individual e num horizonte durável, o problema não é tanto de saber se um enriquecimento é justificado ou não quanto a critérios pré-estabelecidos – como fixá-los? – como o de ver bem o que remunera e o que produz.

A Igreja não condena, em princípio, o enriquecimento material. Ela submete-se somente a duas questões de consciência:

- Como foi obtido?
- Que se faz dele?

Poder-se-ia acrescentar uma reflexão mais alargada sobre o motor da actividade económica. Todas as fases do desenvolvimento são constituídas por acumulação do capital necessário às novas actividades. Uma economia tem necessidade de uma poupança para financiar o futuro, de consumidores para gastar e de investidores para lançar os projectos.

O enriquecimento não é mais que a remuneração desta dinâmica e o dinheiro uma bitola, um meio. Condená-lo ou querer limitá-lo, depressa o tornaria inútil e matá-lo-ia à nascença, sem contrapartidas.

## **b. O homem é chamado a administrar o desenvolvimento**

A missão do homem não é fazer frutificar a Terra sem olhar aos custos. O seu desenvolvimento deve ser harmonioso e respeitador do que recebeu. A eficácia económica joga a favor desta racionalidade.

Um bom domínio do ambiente passa por duas prioridades:

### ❑ **A demografia**

O assunto é complexo e tem sido largamente debatido, tanto do ponto de vista material como espiritual. A história recente ou a mais antiga mostram que o domínio da evolução demográfica aparece como elemento chave do processo de desenvolvimento, quer seja sob o ângulo do crescimento quantitativo quer das migrações da população no interior dos Estados ou entre eles.

#### □ **A terra**

Esta foi confiada ao homem por Deus. Cabe-lhe a ele saber cuidá-la e tratá-la com respeito. Isto passa pela sua exploração “*crecei e multiplicai-vos*”, mas não em quaisquer condições. As preocupações ambientais fazem parte deste domínio: proteger a natureza naquilo que tem de mais belo, para todo o ser humano beneficiar disso, respirar ar puro, beber água não contaminada, estas são, entre tantas outras, prioridades que devem ser tomadas.

#### **c. Partilhar as riquezas criadas é um dever individual e colectivo**

As exigências cristãs – o homem não é senão o gestor dos bens deste mundo – e as da vida económica – a circulação de recursos e a existência de um poder de compra são indispensáveis a uma economia forte – põem mesmo a questão da defesa das riquezas criadas.

O dever moral une-se ao dever económico. E quando D. Hélder da Câmara, bispo de um país onde a pobreza não é palavra vã, nos interroga “*o progresso, para quê?*”, ele não quer dizer senão que a interpelação do homem de Igreja se junta à do economista. A estaca é forte. De ordem material, porque diz directamente respeito a milhões de pessoas, e de ordem espiritual, pela capacidade que o homem tem de trabalhar para o bem de todos.

Como fazê-lo é que é problemático. A natureza só está bem feita, se todos os homens, nascidos livres e iguais em direitos, a partilharem da mesma forma. É, portanto, normal que os meios correctores de tipo fiscal, ajudas e outros, venham estabelecer o equilíbrio.

Tradicionalmente, este papel é confiado ao Estado ou a organismos multifacetados no plano internacional. Se ninguém o contestar com seriedade – cada um compreenderá que eles são dificilmente substituídos – pode legitimamente interrogar-se sobre a finalidade e o campo de acção da sua intervenção: até onde podem eles ir?

Interrogar-se sobre isto é, no fundo, interrogar-se sobre o sentido e as condições do progresso económico e, mais, sobre o desenvolvimento em geral. A resposta depende largamente da "visão" que se tem do mundo e das riquezas.

Se isto é entendido de uma maneira estatística – um bolo sempre igual a repartir por todos – a repartição das riquezas advoga em favor dum sistema coercivo de tipo igualitário com um poder reconhecido ao Estado, para colher por um lado e reservar por outro. Se, pelo contrário, é visto como expansão e, por isso, mais produtivo, em que cada um contribua para aumentar as riquezas disponíveis e se não for compreendido como um jogo sem soma – uma criação de riquezas não é feita na dependência de uma outra, um ganho não se traduz por uma perda de outro – o horizonte é muito mais vasto.

A prioridade será dada a toda a iniciativa que contribua para aumentar as riquezas e para o correspondente enriquecimento. O debate sobre a repartição deve, neste caso, centrar-se principalmente sobre as vias e as formas de aumentar a sua qualidade mais do que saber ou pegar nas que existem para as distribuir. A contrapartida, com certeza, está em aceitar e assumir as diferentes situações individuais.

Vê-se que a questão da repartição das riquezas está no centro da reflexão sobre a mensagem de pobreza evangélica.

As respostas até hoje dadas não são manifestamente suficientes se olharmos ao estado de desenvolvimento do mundo. Talvez que o debate não tenha sido até hoje bem feito.

Dando prioridade à expressão de todos os talentos e a pô-los à disposição do mundo, a mensagem evangélica permite reenquadrá-la na sua justa dimensão.

Possamos, no termo desta reflexão, não ser semelhantes a esse servo indolente que não soube ou não quis fazer frutificar o talento que lhe foi dado pelo seu senhor por pensar que ele era duro e sentir medo.

**O Senhor** não é duro. **É exigente.** E pedir-nos-á contas sobre tudo o que nos confiou. Possamos estar em situação de Lhe responder.

“**Não tenhais medo**” disse-nos João Paulo II. Então, não tenhamos medo de jogar a confiança e a fé inabaláveis nos dons do homem.

Saibamos tirar partido disso para desenvolver a nossa terra.

## **C – PISTAS DE REFLEXÃO**

1. Em que é que o respeito pela liberdade económica individual está no fio-de-prumo da mensagem evangélica? Até onde pode ela ir?
2. O que é uma justa repartição das riquezas? Que ligações pode ela ter com a livre expansão dos talentos de cada um?
3. Que atitudes estamos dispostos a ter, na nossa vida quotidiana, numa implicação forte na criação de riquezas e na sua melhor distribuição?
4. De tudo o que foi tratado neste tema, indique os aspectos que mais o sensibilizaram, com vista a uma renovação de vida?



## ÍNDICE

<b>Prefácio.....</b>	<b>3</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo I - 1ª Reunião:</b>	
<b>A pobreza segundo as Escrituras.....</b>	<b>9</b>
<b>Capítulo II - 2ª Reunião:</b>	
<b>A pobreza à nossa volta.....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo III - 3ª Reunião:</b>	
<b>A Pobreza material e a pobreza espiritual.....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo IV - 4ª Reunião:</b>	
<b>O espírito de pobreza evangélica.....</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo V - 5ª Reunião:</b>	
<b>O direito de propriedade e o uso de bens.....</b>	<b>48</b>
<b>Capítulo VI - 6ª Reunião:</b>	
<b>O necessário e o supérfluo.....</b>	<b>60</b>
<b>Capítulo VII - 7ª Reunião:</b>	
<b>A importância do espírito de pobreza evangélica.....</b>	<b>68</b>
<b>Capítulo VII - 8ª Reunião:</b>	
<b>O Espírito de pobreza evangélica e o desenvolvimento do mundo.....</b>	<b>76</b>

“Tudo o que fizerdes aos mais pequenos dos Meus, é a Mim que o fazeis.”

(Mt 25,40)